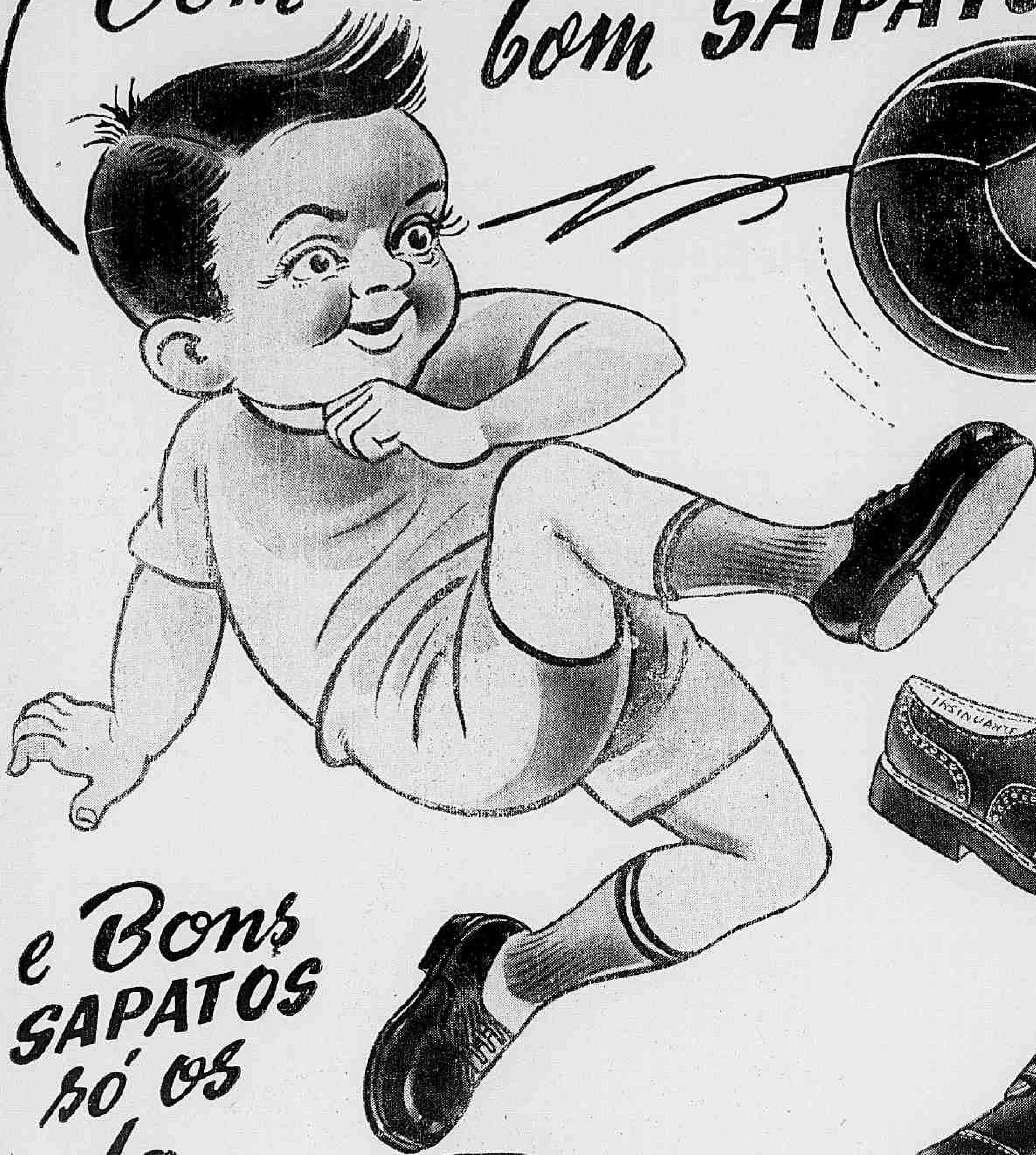

BIBLIOTECA NACIONAL
Rio de Janeiro

N.º 23 ★ 7-6-51
Cr$ 3,00
em todo o Brasil

# A CENA muda

CINEMA
RÁDIO
MÚSICA
NOVIDADES












É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMERICA LATINA.

# insinuante

CARIOCA, 46-48 – 7 de SETEMBRO, 199-201

AT. SEMOG

PAUSA PARA MEDITAÇÃO

# BROTINHOS PARA OS LEITORES

ASSIM que assumimos o cargo de orientar esta revista, traçamos um diretriz firme e segura: informar divertir e instruir o leitor, no ter reno de tôdas as artes. Formamos, assim, um quadro de redatores experimentados e competentes e criamos as mais variadas seções. Algumas tiveram êxito — e até hoje continuam. Outras sumiram, desapareceram, ou por não cumprirem o objetivo visado, ou por circunstâncias imprevistas. Mas foram, automàticamente, substituídas por outras que pudessem preencher as fi nalidades da revista, que pudessem sati fazer os caprichos e as preferências do pú blico. Mas nem por isso estacionamos. Es tamos sempre à procura de novidades. Nossa revista, feita por gente jovem e para gente jovem, está impregnada de di namismo. Não faltam idéias. Cumpre, pois realizá-las. E é justamente o que fazemos.

Enumerar aqui tôdas as inovações qu foram feitas na A CENA, de dois an para cá, seria dispender o espaço, tão es treito, em próprio benefício do leitor (vej a foto ao lado, amigo!). Mas podemo citar algumas das últimas seções que fora criadas e que ainda persistem, como "Ar quivo", onde focalizamos, semanalmen quatro biografias sintéticas de "astros" d atualidade; "A Opinião Alheia", onde, in dependente de qualquer parcialidade, trans crevemos crônicas ou trechos publicado em outros jornais, e sempre de interês e atualidade; "Candidate-se ao Cinema Br sileiro", a mais recente e mais vitorios iniciativa, que nos traz à redação, diári mente, dezenas de cartas, as quais atende mos com todo o carinho e consideração "Flashes Mundiais", onde são focalizad as atividades e ocorrências cinematográf cas em todo o mundo; "Música", com co mentários e novidades sôbre o movimen musical internacional; "Discos", uma seç para todos os fãs de música popular, etc.

Não temos o hábito de afirmar qu quer coisa antes de realizá-la. Que temo muitos projetos, lá isso temos. E, na m dida do possível, iremos concretizando- em letra de fôrma nestas páginas. N gostamos de cair na rotina, no lugar comu. Queremos movimento. As seções aprec das serão sempre mantidas; e outras ser idealizadas e realizadas. E aqui estam para aceitar qualquer sugestão ou critic. Porque a revista é feita para os leitore e ninguém melhor que vocês para nos orientar em nosso propósito de bem se vi-los.

Mas há uma seção, criada há nada men de dois anos, que, indiscutìvelmente, ve desafiando o tempo, mantendo-se firme e sua posição desde a sua criação. Trata-s da última página que, muito acertadamen demos o nome de "Pausa para Meditação", onde, semanalmente, publicamos a foto uma artista em trajes de banho. Resolve mos agora, a partir dêste número, mant a seção, porém transformando-a sob cert aspecto, dando-lhe um cunho mais local mais brasileiro. Ninguém pode negar que temos, aqui no Rio, material humano mais formoso e mais belo do que em qualque parte do mundo. E, assim sendo, por que não utilizá-lo? Justamente. De agora em diante, o leitor encontrará na "Pausa para Meditação", autênticos "brotinhos" brasileiros. E, depois de ler a revista tôda, ao folhear a última página, faça uma pausa e medite... se não temos tôda a razão. Antes assim.

**leon eliachar**

# ANSELMO DUARTE sem maquilagem

Reportagem de MIGUEL JORGE



Seis horas da manhã, em São Bernardo do Campo. Há silêncio na paisagem bucólica. Há confôrto na casa esquecida, enquanto lá fora cai uma névoa fria. O trabalho de uma noite atribulada, de sonhos e de aventuras, faz com que Anselmo Duarte continue dormindo, apesar do relógio estar marcando 6 horas, hora de aprontar-se para mais um dia de filmagem



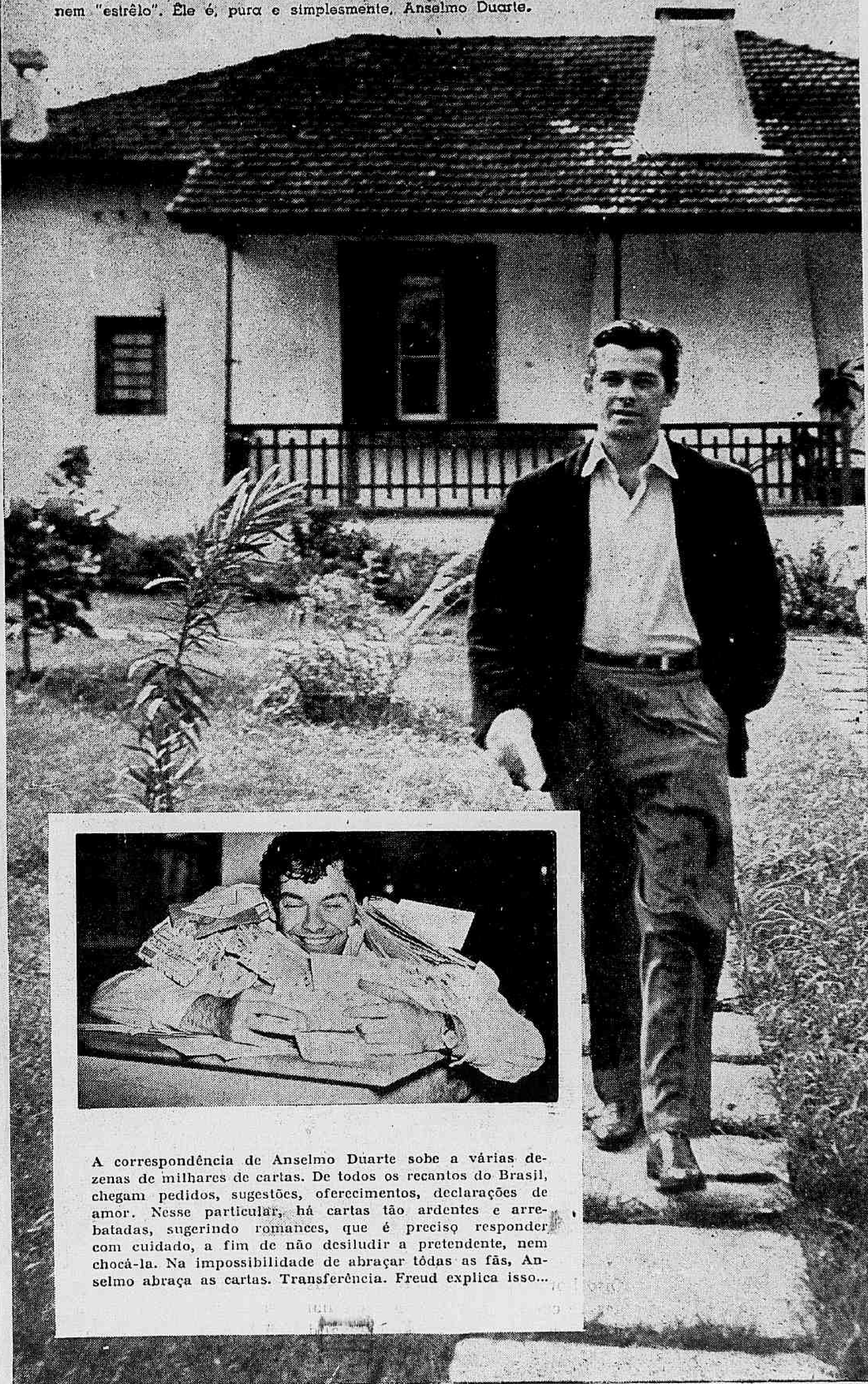
O cantar do galo desperta o galã. O silêncio, o confôrto e o descanso são muito importantes, mas a filmagem é muito mais impor'ante ainda. Levantou-se ràpidamente. Correu para o banheiro. Não há tempo a perder. Ainda há muita coisa a fazer nessa manhã de inverno em S. Paulo. Responder cartas, a'ender os telefones das fãs, enviar retratos autografados



Sete horas. O café está servido. Enquanto sorve a deliciosa rubiácea, vai lendo as notícias do dia. Depois vai direto à seção de cinema, para ver se o cronista escreveu a seu respeito, ou a respeito do cinema brasileiro, ou sôbre o filme que está protagonizando. O tempo é escasso. Tem que tomar café e ler ao mesmo tempo. A filmagem começará às 12 e terminará às 18



Oito horas. Terminado o café, Anselmo Duarte fica em mangas de camisa e começa a trabalhar. Trabalho suave e agradável: responder aos fãs. É pensando nêles que Anselmo aprimora sempre a sua interpretação e melhora, de filme para filme. A maioria das cartas que recebe, se refere ao mesmo assunto: pedido de fotografia. Atende a todos, se possível



Dez horas, em São Bernardo do Campo. Anselmo Duarte se dirige aos palcos de filmagem, já que sua casa fica dentro dos estúdios. Antes de começar a filmagem, fará a maquilagem, almoçando em seguida. Depois, então, estará pronto para filmar. Será dos primeiros a chegar, para dar, como protagonista, o exemplo. A disciplina para êle é a mesma disciplina do mais humilde dos eletricistas. Não põe banca, não é mascarado, nem "estrêlo". Êle é, pura e simplesmente, Anselmo Duarte.

A correspondência de Anselmo Duarte sobe a várias dezenas de milhares de cartas. De todos os recantos do Brasil, chegam pedidos, sugestões, oferecimentos, declarações de amor. Nesse particular, há cartas tão ardentes e arrebatadas, sugerindo romances, que é preciso responder com cuidado, a fim de não desiludir a pretendente, nem chocá-la. Na impossibilidade de abraçar tôdas as fãs, Anselmo abraça as cartas. Transferência. Freud explica isso...


# A CENA muda

SEMANÁRIO DE ARTE

ANO 30 ★ Nº 23 ★ 7-6-51


## SUMÁRIO


Brotinhos para o leitor (Leon Eliachar) .................. 3
Anselmo Duarte sem maquilagem .................. 4
Gale Storm venceu um concurso .................. 6
Flor de Sangue (cine-romance) .................. 7
Francisco Carlos vai casar?.. 10
Candidate-se ao cinema brasileiro .................. 12
Antes e Depois .................. 14
O Festival de Cannes .......... 15
Flashes Mundiais .......... 20
Mona Freeman visita seu espôso .................. 22
Marcel Carné .................. 23
Glosário cinematográfico (close-up) .................. 26
Telas da cidade .................. 27
Rádio (Armando Migueis) ... 28
Discos (Frankie) .................. 30
Melodias para você .......... 31
Arquivo (Brooklyn Jack) ..., 32
Música (Oswaldo da Cunha).. 33
Pausa para meditação .......... 34
A opinião alheia .................. 34


**CAPA:**

LESLIE CARON
(Metro)

A redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados


**EXPEDIENTE**

Fundado em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor-presidente Gratuliano Brito.

Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar.

Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — [illegible] Telefones — Secretaria 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602 Endereço telegráfico: «Revista» Número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assi- [illegible] (52 números) Cr$ 150,00. Semestral (26 números) Cr$ 75.000. Registrada: Anual Cr$ 180,00. Semestral Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 280,00. Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34 2º Distrito, Lisboa. África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa», Florida, 229, Buenos Aires Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor

★

Distribuição em São Paulo
A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 4-1569
Rua da Conceição, 58 — 1º andar — Tel. 36-6718

CORRESPONDENTE EM HOLLYWOOD

**VIOLET KINNEY**
**THMOMAS KEENE**

CORRESPONDENTE EM PARIS

**JEAN DELMAR**

Redator-Chefe da Publicidade
**Severino Lopes Guimarães**

IMPORTANTE:

O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa



Há cêrca de dez anos Gale Storm era estudante de uma escola superior em Huston, Texas, e sua professôra insistiu que ela tomasse parte em um concurso denominado «No Umbral de Hollywood». O prêmio era, está claro, um contrato com um estúdio. Gale ganhou o primeiro prêmio e, como resultado dêsse concurso, é hoje uma das mais festejadas estrêlas americanas e mãe de três filhos. Sim, o tal concurso tem algo a haver com o seu casamento. Pois foi lá que ela conheceu um rapaz de Ind'anapolis, Ind., chamado Lee Bonnell, vencedor do primeiro lugar na divisão masculina. Lee queria casar logo com Gale, mas a mãe da pequena achou mais prudente que esperasse um pouco. O amor dos garôtos não arrefeceu com a espera e o resultado foi mesmo o casamento. Lee Bonnell estêve servindo o Exército durante três anos. Depois que voltou à vida civil achou melhor abandonar o cinema e dedicar-se ao negócio de seguros, onde tem prosperado. Mas Gale continuou, embora nunca houvesse consentido que o trabalho nos estúdios perturbassem a sua vida doméstica, o que é, talvez, a principal razão de sua felicidade.



Os três filhos da linda Gale são: Philip Lee, nascida a 19 de março de 43; Peter Wade, de 29 de maio de 46 e Paul William, de 1º de agosto de 47. Ela gosta de esportes, mas não os pratica porque, d'z, criar filhos travessos já é um exercício bem estafante. Por isso mantem-se esbelta, sem necessidade de ginástica ou dieta.

O mais recente triunfo de Gale Storm é «A Patrulha da Morte» (Between Midnight and Dawn), que Hunt Stromberg produziu para a Columbia, no qual ela aparece ao lado de Mark Stevens e Edmond O'Brien. Um filme realmente impressionante, que acrescenta uma nova glória ao cartel do diretor Gordon Douglas).

Gale e seu marido e seus filhos, vivem em Sherman Oaks, no Vale de San Fernando, perto de Hollywood. Mas pensam em mudar-se, porque a famíl'a está crescendo muito. Gale Storm é ainda muito moça. Nasceu no dia 5 de abril de 1932, em Blomington, Texas. Tem olhos verdes e cabelos castanhos.

# GALE STORM VENCEU UM CONCURSO



Cena de «A Patrulha da Morte», estrelado por Edmond O'Brien

# "Flor DE SANGUE"

Os raios do sol e as nuvens projetavam uma louca colcha de refrações sôbre as águas rápidas do rio, naquela tarde da ano de 1837. Mas, os dois homens que ancoraram a canoa em uma pequna ilha não prestaram muita atenção ao St. Lawrence. Para êles, a beleza era uma coisa passageira e não tinham tempo para a ociosidade...

Pois êstes eram os dias de rebelião do Canadá, e êles eram os líderes. Uma rebelião na qual um punhado de homens se levantou contra a mão de ferro dos inglêses a fim de libertar o próprio país e para que pudessem reger as suas próprias vidas. Uma rebelião na qual, embora não pudessem vencer, aquêles homens deveriam deixar u'a marca na história canadense, para sempre inesquecível.

Título original:

QUEBEC

ELENCO:

| | |
|---|---|
| Mark Douglas | JOHN BARRYMORE, JR. |
| Stephanie Durossac | CORINNE CALVET |
| Charles Douglas | PATRIC KNOWLES |
| Madelon | Bárbara Rush |
| Jeannine | Nikki Duval |
| Padre Antoine | John Hoyt |
| Racelle | Arnold Moss |
| Coronel Durossac | Don Naggerty |
| Malbeuf | Howard Joslin |
| André Garneau | Rene Constantineau |
| Germaine | Patsy Ruth Miller |

**Uma produção Lemay-Templeton — Distribuída pela Paramount Pictures Corp. — Produzido por Alan Lemay — Dirigido por George Templeton — História e cenário de A. Lemay**

Charles Douglas e seu filho, Mark, agora se encontravam em terra, olhando as outras canoas que passavam rápidas, dirigindo-se silenciosamente para o Ancoradouro da Taberna. As canoas eram manejadas sem nenhum esfôrço pelos *voyageurs* — os transportadores de peles — com quem êles tinham passado tantos anos. Quando já se encontram em terra, Charles indicou-lhe silenciosamente por meio de um sinal para que se dirigissem para as matas próximas, certos da noção de que as suas ações não poderiam ser vistas da taberna no alto. Os *voyageurs* se apressaram em desaparecer sob as sombras das árvores.

Sòzinho, então, Mark e seu pai se dirigiram para a Taberna do Rio. Repentinamente, a pequena e esbelta figura de uma jovem apareceu, correndo freneticamente para os encontrar... a moça se chamava Jeannine, a filha de criaçao de Garneau, o proprietário da taverna, e sua espôsa. Tão selvagem e brava como a floresta onde ela e Mark haviam sido criados, ela finalmente os alcançou, gritando anciosamente:

— Soldados! Lá em cima!

Ela se dirigira para Mark, colocando os seus braços roliços em tôrno de seu pescoço, mas sòmente as suas palavras lhe interessavam, quando o seu pai lhe indagou qual o número de soldados.

— Sòmente dois, mas êles estão esperando por vocês. Sabem que vocês não estão mortos.

— Dois? — Charles Douglas indagou calmamente, como se falasse para si mesmo. — Iremos para onde êles estão.

As súplicas da jovem não encontraram éco e os Douglasses continuaram caminhando na direção da velha taberna.

A algumas jardas de sua porta êles pararam. Mark, como Jeannine, surpreendeu-se também ante a atitude calma de seu pai.

— Estamos sendo espiados. Êle avisou num sussurro.

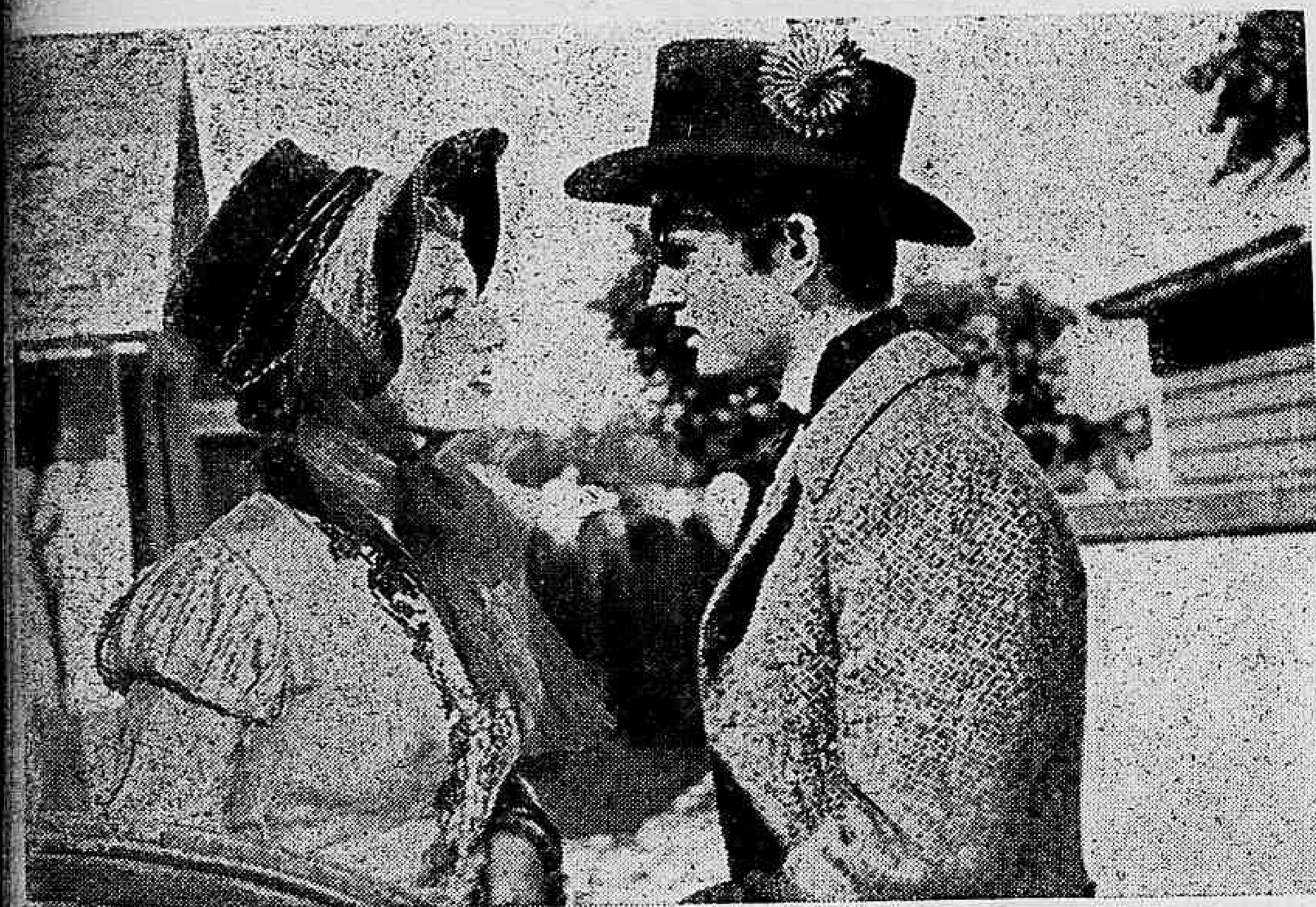
Mas Charles não gaguejou:

— Sempre se mostre abertamente em situações como essa. — Êle entrou na velha casa, sendo seguido de perto por Mark. Ali, com Andre e Germaine Garneau, se encontravam um sargento e um cabo dos dragões britânicos, com as pistolas em punho.





Lafleur mal conseguiu conter a emoção ao ver o filho pela primeira vez na vida...



Madelon veio dizer-lhe que o seu pai, Charles Douglas, o chamava...



«Ninguém pode abrir uma rosa, arrancando-lhe às pétalas. Principalmente uma rosa de ferro... o Canadá»

— *Sabemos que você é Charles Douglas!*

Mesmo então, nem uma só sombra de mêdo em suas feições.

— Claro que sou Charles Douglas. Deixem-me ver a ordem de prisão. — Quando, finalmente, o sargento retirou a ordem de prisão do bolso e lhe entregou, êle continuou calmamente: — Esta ordem de prisão não é válida.

— E por que não? — perguntou o soldado.

— Por que vocês não trouxeram bastante homens. — Com isso, o quarto, num instante, se encheu de *voyageurs*. Ràpidamente, com a eficiência de longa prática, os dragões foram amarrados e trancados no celeiro.

Andre se aproximou de Charles, então.

— Lafleur mandou chamá-lo diversas vêzes. — Informou o velho taberneiro. — Você pode ir até aonde Lafleur se encontra?

— Eu sempre posso, — Charles lembrou-lhe. Falando ao enorme *voyageur* Malbeuf, disse: — Espere-me na Serraria de Hogg. — Fez uma pausa significantemente na porta antes de dizer: — Está bem, Mark. — Pois, no momento, o seu simpático filho tentava livrar-se dos braços amorosos de Jeannine, tentando, em vão explicar-lhe que não poderia levá-la com êle. — Nós voltaremos! — Gritou êle, ao juntar-se ao pai.

E assim êles partiram para Quebec — e Lafleur. O quanto aquelas palavras significavam para Charles Douglas e tinham significado por quase dezoito anos! Significavam o amor, as as carícias intermináveis de u'a mulher que, embora nunca pudesse ser sua aos olhos do mundo, nunca êle conseguira apagar a sua lembrança da memória. Pois Lafleur era Stephanie Durossac, a espôsa do traidor Marshal — a mulher que se havia casado com o mais ferrenho inimigo de Charles tantos anos atrás e, contudo, devotado o resto de sua vida à causa pela qual êle, Charles, havia sido sempre considerado uma pessoa do outro lado da lei. A mulher que dera à luz Mark!

Mas, para seu filho, Quebec não significava nada destas coisas. Nenhuma emoção como as que o seu pai experimentava o perturbou ao pensar na grande cidade. Apenas pensava na grande cidadela que conheceria pela primeira vez. Porém também encontraria Lafleur, mas a consideraria sòmente uma líder da causa pela qual empenhavam a vida. Charles nunca contara a Mark a identidade de sua mãe; e, tirado dos seus apenas algumas horas depois de nascido. Acreditando-a morta, nunca se deu ao trabalho de perguntar ao pai o motivo pelo qual acendia uma vela no altar de tôdas as igrejas onde paravam.

Não poderia questionar agora, quando entraram na rústica igrejinha de São Francisco, logo nos arredores de Quebec. O Padre Antoine os saudou cordialmente, com o seu bondoso rosto pálido devido à pequena claridade da vela.

— Alguma notícia de Lafleur? — Perguntou-lhe Charles.

— Você deve ir lá imediatamente, não importando a hora. — Informou-lhe o velho padre.

Depois de acender uma nova vela, Charles e Mark se esgueiraram ràpidamente para a sacristia a fim de mudar de roupa.

Não haviam, certamente, soldados nos arredores da capela que os pudesse vir. Mais tarde, contudo, enquanto caminhavam através das ruas de Quebec, pareceu a Charles e Mark que estavam cercados. Pelotões de dragões passavam constantemente por êles, mais alertas do que nunca. A noite passada os edifícios do govêrno haviam sido incendiados em vinte cidades diferentes. Em Montreal uma multidão rebelde havia rasgado a bandeira britânica. Os espiães de Rurossac se encontravam em todos os lugares, procurando os traidores. Ninguém sabia qual era o prêmio oferecido pela captura de Charles Douglas. Mas certamente seria bem volumoso, pois, se o cruel marido de Stephanie odiava Charles — detestando-o em virtude da existência do filho — ainda odiava muito mais ao próprio Charles.

Contudo, caminhando livre e abertamente através da velha cidade Charles sentia que aí residia a sua maior segurança. Logo, sob as suas ordens, Mark parou a pequena carruagem que os conduzia em frente de uma luxuosa e imponente casa numa zona residencial da cidade. Charles sorria ao ver o filho vestido como cocheiro quando haviam partido da igreja, mas agora o seu rosto estava grave, mesmo severo ao olhá-lo.

A casa parecia fascinar o jovem.

— E' aqui que encontrarei Lafleur? — Maravilhou-se.

— Sim, mas deixe de ficar com essa cara de bobo. Finja que dorme e não se mova até que eu mande chamá-lo. Você terá cuidado?

Em seguida Charles subiu os degraus da casa de Stephanie, com os grandes olhos negros brilhando de antecipação e ansiedade ao pensar qual seria a sua reação ao se encontrar com o filho que nunca vira.

Foi a sua tutelada, Madelon, quem lhe abriu a porta. A filha de um rebelde a quem Stephanie adotara após a morte do pai não perdeu tempo em levá-lo imediatamente para a suntuosamente mobiliada sala de jantar.

— Ela está sòzinha, — disse ela, — e deseja vê-lo imediatamente.

Setephanie se encontrava junto à janela, com os olhos fitos nas águas turvas do rio que corriam lá em baixo e com uma expressão de intensa reflexão fielmente retratada nas linhas delicadas de seu rosto. Ela deu meia-volta abruptamente no momento em que êle entrou na sala, cumprimentando-o respeitosamente:

— Monsieur Fantasma.

Charles falou calma e pausadamente:

— Quem iniciou aquêle rumor?

— Que você está morto? Eu. Mas isso não importa agora. Você sabe por que motivo mandei chamá-lo? — Fez uma pesada pausa como que para lhe dar tempo a fim de compreender na importância do que ia dizer. — Quero que você comece a guerra.

Em seguida Stephanie continuou falando:

— Já houve setenta e seis prisões. Se nos subtermos a isso.

— Que você esperava? — A voz de Charles era áspera. — Motins, rebeliões, emboscadas. — A luta já estava aberta de mais. — Não lhe deixaram um só capitão de milícia, em lugar algum.

Embora intensas como foram pronunciadas as suas palavras, Stephanie nem parecia ouví-lo.

— Com quantos homens você pode contar? — Indagou ela.

— Para que?

— Os prisioneiros do Rio Rocha serão trazidos agora à noite. Liberte-os.

Charles fitou os olhos na mulher que era conhecida pelos rebeldes como Lafleur e então chamou:

— Madelon! Traga o meu cocheiro aqui? — Quando a moça havia desaparecido no corredor, êle mais uma vez encarou Stephanie: — Você tem alguma idéia do massacre a que estamos sujeitos, agindo tão abertamente? Aquêles meninos do interior morrerão no

primeiro assalto! Agora se esqueça disso!

Os músculos da face de Stephanie se haviam fixado com determinação:

Por quinze anos sòmente vivi pensando neste dia. E você me diz que me esqueça...

Madelon já havia voltado. Mark estava ao seu lado. Êle fez uma curvatura de cumprimento desajeitadamente quando Charles o apresentou:

— Madame Durossac, êste é o meu filho.

Por um momento o quarto ficou em silêncio. Stephanie nada disse, apenas olhando com uma trêmula admiração o jovem em sua frente. Para Charles pareceu uma eternidade até que pode novamente falar. — Mark, quero que você explique o que é a milicia.

Mark zombou:

— Você se refere àquêles bêbedos?

— Quais são as armas que possuem? — Perguntou Charles mais uma vez.

— Espingardas leves, cacetes...

Novamente o silêncio engolfou a sala.

— Muito bem, — disse Charles, — pode voltar para a carruagem.

Mark, com Madelon, saiu tão prontamente como havia entrado. Meio histèricamente, Stephanie gritou:

— Você não devia tê-lo trazido aqui.

— Você foi quem insistiu para que eu o trouxesse, — disse Charles defensivamente.

— Eu estava errada! — Os seus olhos espalharam o tormento que a sua voz expressava. — Esta foi a experiência mais esquisita que jamais tive! Nunca o vira antes, nem mesmo quando ainda era um nenê. De repente aparece em minha frente êste homem que, de u'a maneira ou outra é *meu filho*!

— Sòmente espero que você tenha ouvido o que êle disse.

Stephanie respondeu àsperamente.

— Ouvi, sim.

— Então não compreende que não temos nem mesmo nenhuma esperança para continuar?

— Sim. Compreendo.

Êle hesitou por um instante, sabendo antecipadamente qual seria a sua resposta.

— Que você pretende fazer?

— Continuarei.

Aquela mesma noite, Charles, Mark e os seus fiéis *voyageurs* preparam uma emboscada para uma patrulha inglêsa na floresta junto as cascatas de Montmorency, e libertaram os prisioneiros do Rio Rocha. Foi uma luta rápida e uma vitória fácil para êles. Mas algumas horas depois uma formidável fôrça seria enviada da Cidadela de Quebec em repressão. O cheiro de pólvora ainda embalsamava a florestas quando Charles ordenou ao filho que se dirigisse a Taberna do Rio, a fim de recrutar os rebeldes e leva-los para Whitewater, onde se preparariam para receber as tropas inimigas.

Já era noite novamente quando Mark chegou à velha fazenda. Num instante estava despachando os *voyageurs* com mensagens para os moradores de tôda a região. A despeito de sua pouca idade nenhum dos homens questionava as suas ordens, partindo imediatamente para Whitewater.

Enquanto Charles reunia os rebeldes em Whitewater, Mark deu o próximo passo de seu plano, seguindo para Quebec a fim de levar as notícias.

Apenas umas poucas pessoas, dispersas, rezavam na igreja. O Padre Antoine veio encontrá-lo no fundo da capela.

— Madelon está... — Começou Mark.

— Ela está aqui, — murmurou o padre. — Mas, agora, está rezando. Você tem de mudar as roupas, não tem?

Mark seguiu o padre até à sacristia onde mudou de roupas em silêncio. Depois se encontrou com Madelon no banco em que ela estava ajoelhada.

— E' seguro? — Murmurou êle. — Tenho de comunicar-me com Lafleur.

— Ela o deseja imediatamente, — sorriu Madelon.

Stephanie saboreava a sua refeição matinal quando Mark foi introduzido em seu espaçoso e brilhante quarto de dormir. Para Mark ela se comportou da mesma maneira como por ocasião do primeiro encontro de ambos. Contou-lhe orgulhosamente sôbre a luta de Montmorency.

— Mas o seu pai não foi ferido? — perguntou ela ansiosamente.

— Não, senhora. Êle estará aqui dentro de algumas horas.

Quando Charles chegou a Quebec encontrou Mark com Lafleur e Racelle na sala de estar de Stephanie.

O líder do movimento rebelde acusou Charles de imprudência, frisando que a milicia fôra criada simplesmente com o fito de enganar os britânicos, pois não possuiam quaisquer espécies de armas. Depois do ataque de Whitewater, era provável que os inglêses se inflamassem e enviassem tropas contra os canadenses. Depois de explicar o seu ponto de vista, Racelle deu meia volta e se retirou arrogantemente.

— Um homem estúpido e perigoso, — comentou Stephanie, depois de um longo momento.

— Contudo, — contestou Charles, — êle disse uma grande verdade ao dizer que os nossos voluntários não formam uma tropa forte.

— Você mesmo disse que existe um modo de tomar Quebec! — Persistiu Stephanie.

O olhar de Charles foi fixado com intensidade por alguns instantes no rosto da mulher cuja incrível determinação e espírito indomável talvez ainda viesse a destruir a ambos.

— Preciso de duzentos homens do lado de dentro das muralhas. Refiro-me a *voyageurs* com quem posso contar. Você pode arranjar um lugar para os aquartelar onde fiquem escondidos?

— Pode mandá-los!

Em pequenos grupos os homens foram introduzidos em Quebec. O plano era para que ficassem escondidos em todos os lugares possíveis para, quando fôsse dada a ordem penetrassem nos túneis que levam ao palácio e iniciassem o ataque.

Jeannine veio a Quebec avisar que a luta em Whitewater fôra um sucesso. A primeira, pois a segunda resultou em um verdadeiro fracasso em virtude do terror de Racelle, que correu em direção às tropas britânicas, não tendo Charles outro recurso senão dar-lhe dois tiros pela costas. No entanto as tropas logo foram presas de um incrível pânico. O inimigo tomou conta da situação e acabou mesmo por massacrar os *voyageurs* que não conseguiram fugir.

Ao anoitecer tôda a Quebec conhecia a história do fracasso de Charles. Vagarosamente, um homem perdido em pensamento do inevitável, êle começou a dirigir-se para Stephanie e Mark.

— Durossac declarou lei marcial, — comunicou-lhe Stephanie imediatamente. — Êle colocou um cordão de patrulhas em redor de Quebec, pelo lado de dentro das muralhas. Duzentos homens estão aqui e nada podemos fazer para que saiam.

Mas Charles não perdera o contrôle e continuava impassível.

— Eu tomarei conta disso, Stephanie.

(Continua na pág. 24)



**Finalmente chegou o dia da vingança de Durossac contra a espôsa que concebera um filho de outro homem.**



**Apesar de tudo, Racelle tinha razão: O Canadá não estava preparado para uma guerra aberta.**



**A meia-noite ela se aproximou dos portões, para ser morta instantes depois.**



O PRÊÇO DE UMA VOZ
700 cartas mensais



Francisco Carlos com «Les Trois Cousine, trio vocal francês, que estêve no Rio, ensinando-lhes numeros brasileiros de seu repertório.

## O MAIOR VOLUME DE CORRESPONDÊNCIA EM 1950 ★ 5 PROPOSTAS DE CASAMENTO SEMANAIS ★ DA ESCOLA DE BELAS ARTES PARA A ARTE DO BEL CANTO ★ O SEU SEGRÊDO ESTÁ NA VOZ

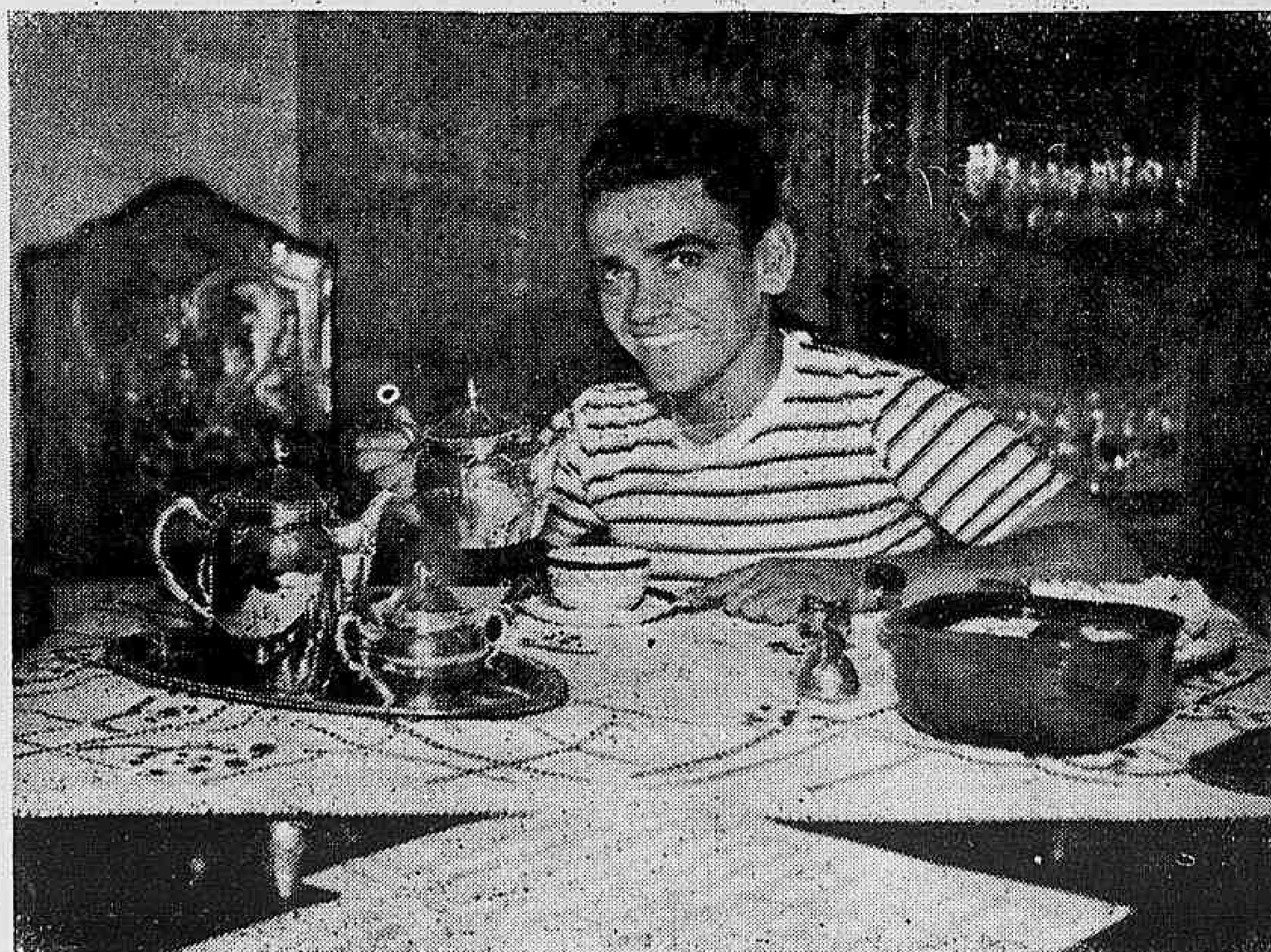
Texto de FRANKIE ★ Fotos de FENELON

FRANCISCO CARLOS, o jovem cuja carreira supersônica revolucionou o Rádio Brasileiro, em 8 meses de Rádio Nacional, bateu todos recordes na recepção de cartas apuradas anualmente naquela Emissôra, incluindo os «astros» que ali trabalhavam desde o início do ano. Isso, sem dúvida alguma, constitui um caso raro no sem fio carioca. Telefonemas de tôdas as partes procuram ansiosas falar com o «broto» do Rádio que é hoje um dos cantores mais populares do país, não só pelo seu timbre de voz agradável, através das ondas hertezianas, como através de discos e do cinema, onde apareceu em alguns quadros musicais, como pela sua figura simpática de galã. Por isso mesmo, fomos procurá-lo, a fim de revelar às suas inúmeras fãs — tôda a sua verdadeira história: Seu nome verdadeiro é Francisco Carlos Rodrigues Filho. Nasceu a 5 de abril de 1927, na cidade do Rio de Janeiro. Tirou o curso ginasial no Instituto Juruema, completando ali o curso científico. Tem o curso da Escola de Belas Artes, onde estudou pintura e arquitetura. Começou a trabalhar no jornal «O Globo», e na Paramount, fazendo «lay-outs», organizando depois um escritório de publicidade. Nunca lhe havia passado pela cabeça em dedicar-se ao canto, embora gostasse muito de cantar entre grupos de amigos, sendo solicitado constantemente para cantar em festas familiares. Numa dessas reuniões sociais, um seu amigo, muito entusiasmado com sua voz, passou em seu escritório, insistindo para que fosse até a Rádio Tamoio para um teste. Chegando lá, foi atendido pelo então diretor artístico Anselmo Domingos que o recebeu com estas palavras:

— «Nem vale a pena ouvi-lo, meu amigo, pois mesmo que você tenha uma excelente voz, não poderíamos contratá-lo devido ao grande número de cantores que já temos em nosso quadro».

Contudo, para não demonstrar má vontade, Anselmo acedeu que Francisco Carlos cantasse, acompanhado do regional. Tendo gostado, pediu que cantasse novamente, Francisco acabou cantando 5 números. Ao despedir-se, Anselmo achou que se podia dar um «jeitinho», abrindo uma exceção, pois a sua voz valia mesmo a pena ser aproveitada. E surgiu daí um contrato de seis meses. E antes mesmo de expirar o contrato, já a Rádio Globo lhe oferecia o dôbro do que ganhava na Tamoio, isto é — Cr$ 1.500,00 mensais. Isso foi em 1947. E agora é o «broto» quem fala:

— «Durante uma festa no Clube da Aeronáutica, onde foi organizado um «show» com os grandes cartazes do rádio, incluindo Dircinha Batista, Lúcio Alves, Os Cariocas, e muitos outros, fui obrigado a cantar 4 vêzes, por exigência do auditório. Foi quando conheci Haroldo Barbosa, que se interessou vivamente pela mi-



As 9 horas da manhã, Francisco Carlos faz a sua primeira refeição. E' preciso tratar-se bem, para manter uma boa voz.

# FRANCISCO CARLOS VAI CASAR?

nha ida para a Tupi. Seis dias depois, ingressava na PRG-3, com um contrato de seis meses, percebendo Cr$ 3.500,00».

A RCA, interessando-se pela «voz desconhecida», mandou chamar seu dono, solicitando-lhe uma gravação, que lhe abriu as portas da fama, com o seu primeiro disco: «Ai, ai Brotinho» — de Humberto Teixeira e Luís Gonzaga. A música fêz tanto sucesso que a Atlântida, interessada pela voz misteriosa do rapaz, resolveu encaixá-la num dos quadros do seu próximo filme carnavalesco — «Carnaval no Fogo», de Watson Macedo. Todavia, surgia uma dúvida: não sabiam se o rapaz tinha «estampa» para o cinema. Mas o problema foi resolvido às mil maravilhas, quando o viram pessoalmente. Era um verdadeiro galã, e o seu quadro foi dois mais atraentes do filme, no que se refere à música. O sucesso foi tanto e tamanho o interêsse despertado pelo público e pela crítica, que o próprio José Carlos Burle lhe ofereceu um papel principal num dos próximos filmes da Atlântida. Francisco Carlos rejeitou a proposta, pois não desejava seguir a carreira de ator, aceitando, apenas, quando tivesse ocasião, de figurar em quadros musicais. Tanto assim que tomou parte em mais duas películas daquela emprêsa: «Não é nada disso» e «Aviso aos Navegantes».

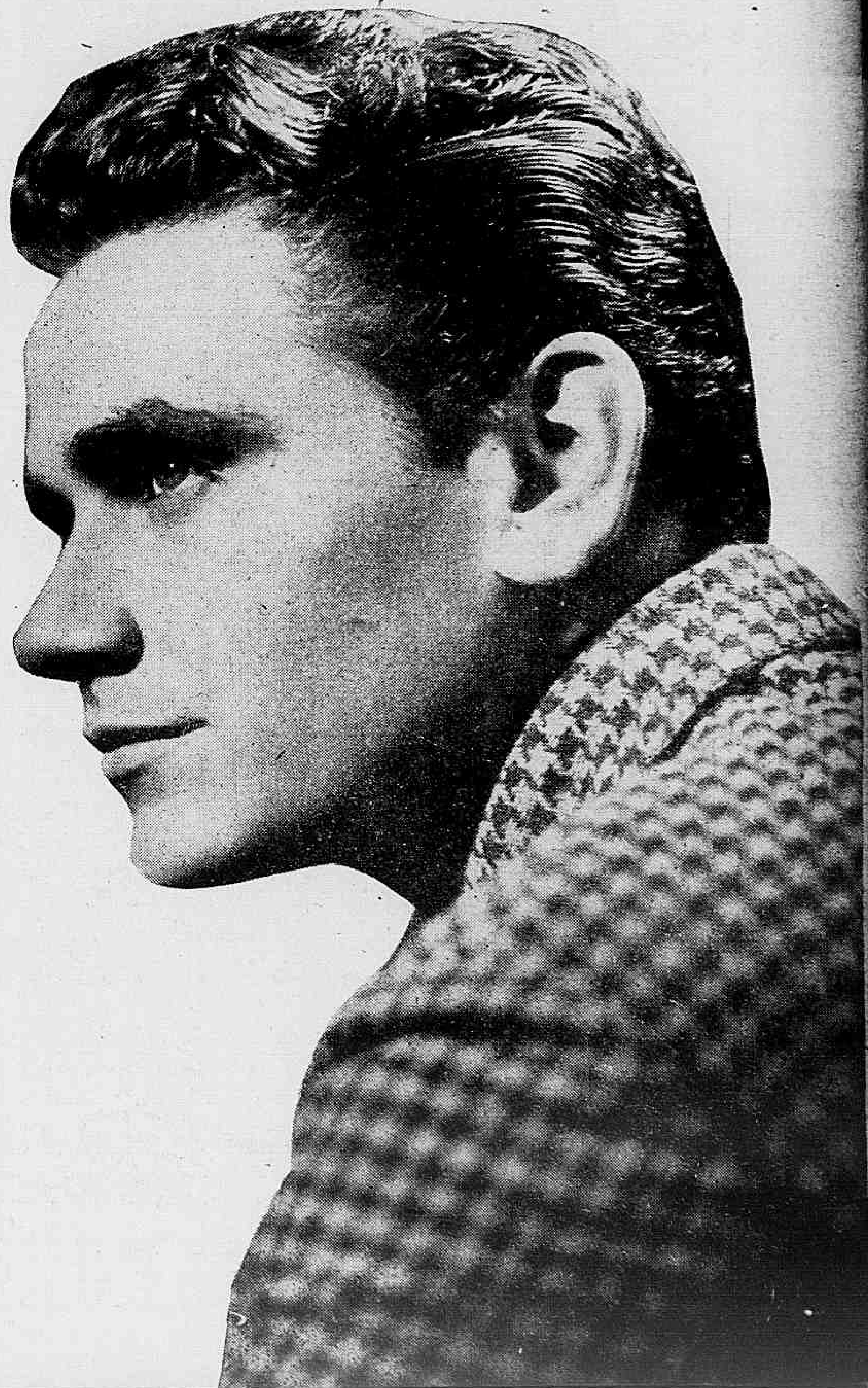
Depois de «Carnaval no Fogo», porém, Francisco Carlos recebeu um convite para atuar na Rádio Nacional, convite feito pelo próprio superintendente da E-8, impondo assim, devido ao «cartaz» que já possuia, as suas condições. Assinou um contrato de seis meses, pela quantia de Cr$ 8.000,00, contrato êsse que foi renovado por mais dois anos, pois a Emissôra da Praça Mauá sabia o que tinha nas mãos. Seu nome passou a ser comentado e aplaudido, figurando nos programas: «Orquestra Melódica de Lyrio Panicalli», «Programa de Cesar de Alencar», «Programa de Manoel Barcelos», «Carrossel Musical» e ainda o seu recitas, Francisco Carlos, das têrças-feiras, às 12,05 horas.

E assim vai de vento em pôpa, crescendo a sua popularidade. Tem contrato de exclusividade com a RCA, tendo gravado várias músicas de sucesso: «Timidez» (bolero), «Você não sabe» (samba), «Tudo me lembra você, samba-canção), «Eu e meu coração» (samba-canção), «Anjo da Noite» (samba-canção), «Rio de Janeiro» (samba), «Olhos de Gato» (samba), «Abolição» (samba), «Seremos felizes» (valsa), «Girasol» (baião), «Adorável como um sonho» (fox), «Adoração» (samba). Entre rádio e discos, Francisco Carlos tira uma média de Cr$ .. 15.000,00 mensais. Seu disco mais vendido foi «Tudo me lembra você», e que é, aliás, o seu disco favorito.

Tem feito excursões pelos Estados do Brasil, tendo ido a Recife, Vitória, Paraná, Bauru e Ribeirão Prêto, com permissão da Rádio, tendo sido aclamado em todos êsses lugares. Numa excursão de dois dias numa cidade, faz uma média de Cr$ 22.000,00.

Reside em Copacabana, com seus pais. Não tem compromisso amoroso, por enquanto, mas está à espera de sua «gata borralheira». Comprou êste ano um carro esporte francês, onde é sempre visto com lindas garotas. Dizem que raramente repete o menu, tendo preferência alarmante por brotinhos. Boatos. E quem será então aquela lourinha? Trabalha, normalmente, entre rádio, discos e ensaios, 8 horas por dia. Nos momentos de folga, quando não está pintando na prancheta está pintando o sete, pelas areias de Copacabana, ou no asfalta do Leblon. Pretende casar um dia, quando encontrar uma pequena de seu temperamento, e comprar um sítio — onde pretende viver tranqüilamente. A senhora sua mãe, d. Norh, adora seu «brotinho», mas não se conforma com a interrupção do telefone, com os chamados constantes de suas fãs, cada vez mais numerosas. Não estivesse tão difícil a aquisição de um aparelho e ela mandaria colocar mais cinco ou seis, para dar vasão às chamadas. Mas não há de ser nada, isso são coisas da mocidade, pois Francisco Carlos já tem o seu futuro garantido, pensando sèriamente em tranqüilizar a sua vida agitada, construindo um lar seguro e feliz. Temos absoluta certeza de que muitas garôtas são candidatas — mas será que êle tem alguma delas em vista?...

**DÚVIDA CRUÉL**
**A loura ou a morena? A respesta está nos seus olhos...**





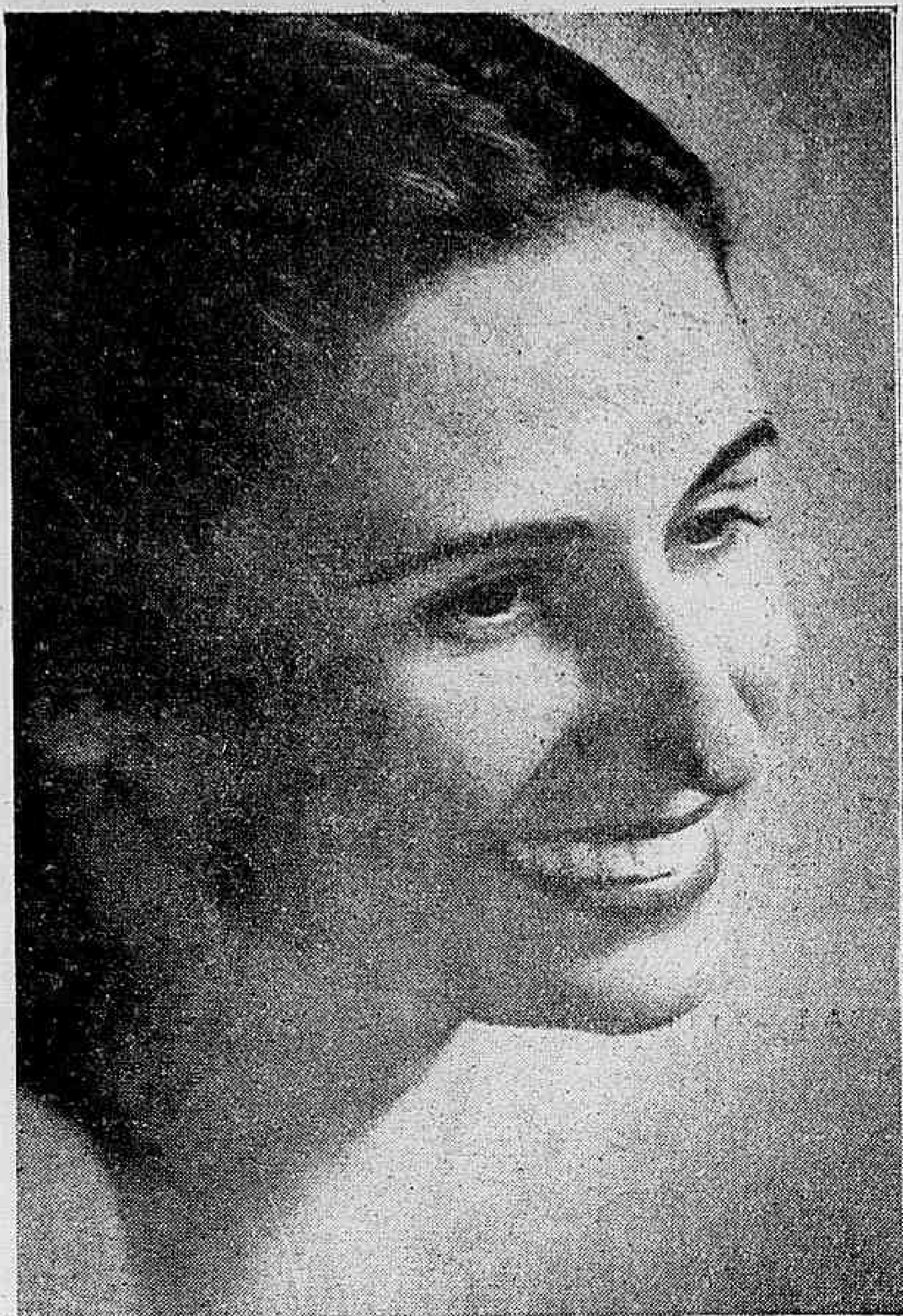
**E O TELEFONE NÃO PARA**
**— Alô, meu bem!... Não... Não... Não... Não... Não... Siiiiiiiim!...**

# CANDIDATE-SE AO CINEMA BRASILEIRO

TÔDAS as cartas enviadas à nossa redação merecem a mesma consideração e obedecem ao mesmo critério. Convém frizar, no entanto, que quando solicitamos que nos enviem uma OU MAIS fotos o fazemos justamente para que possamos escolher apenas UMA, em benefício do próprio candidato. Todavia, leitores há que nos remetem tôda a sua coleção fotográfica (dez, doze fotos), como se fôsse possível aproveitá-las tôdas. E espaço é limitado e os candidatos crescem dia a dia. Todos serão publicados, indiscutivelmente — mas apenas uma foto de cada um, ainda que tenhamos de ampliar mais uma vez esta seção. Deixamos bem claro, mais uma vez, que os candidatos podem nos remeter quantas fotos desejarem, mas apenas uma será publicada. E nenhuma delas será devolvida.

★

**IMPORTANTE: — Juntar uma (ou duas) fotos do tamanho ou pôse que achar conveniente, mas que possam dar boa reprodução. As cartas que não vierem acompanhadas do «coupon» e das fotografias não serão tomadas em consideração.**



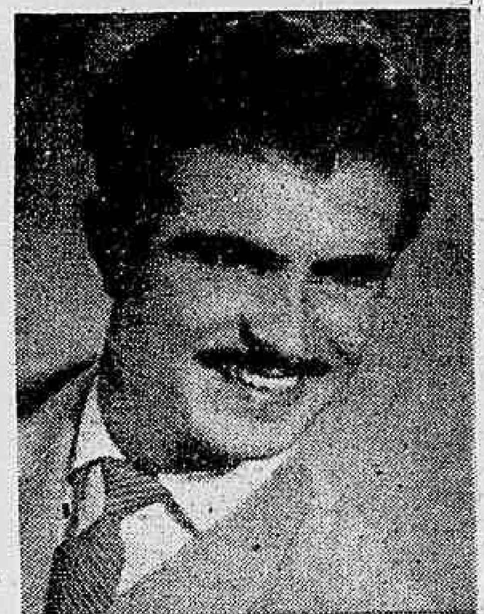
**FICHA 18**

**RUTH PIRES DO RIO — 3? anos, 1,54 de altura, 55 quilos, proprietária, cursos primário e Conservatório, sem experiência artística, tem o grande desejo de tornar-se artista de cinema, dando preferência a papéis trágicos. Declara que tem grande facilidade de expressão. Reside em Ubatuba, Estado de São Paulo.**



**FICHA 19**

**HEINZ-DIETER GESSNER — 15 anos, 1,70 de altura, 54 quilos, curso primário, auxiliar de escritório, estudante de violino, fala português e alemão, deseja ser ator. Reside no Distrito Federal.**



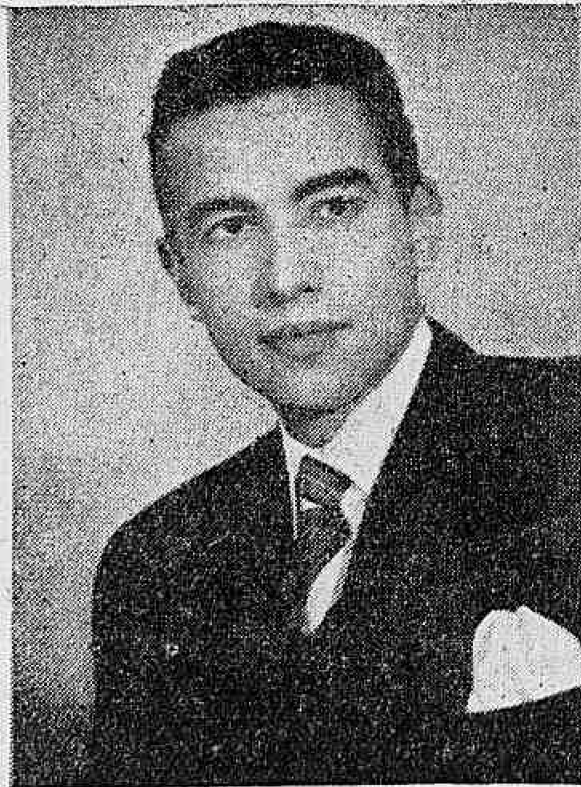
**FICHA 20**

**JOÃO DE DEUS ANDRADE — 27 anos, 1,67 de altura, 62 quilos, curso ginasial, oficial maior cartório, experiência de rádio e teatro, deseja ser ator cinematográfico. Reside em São Paulo.**



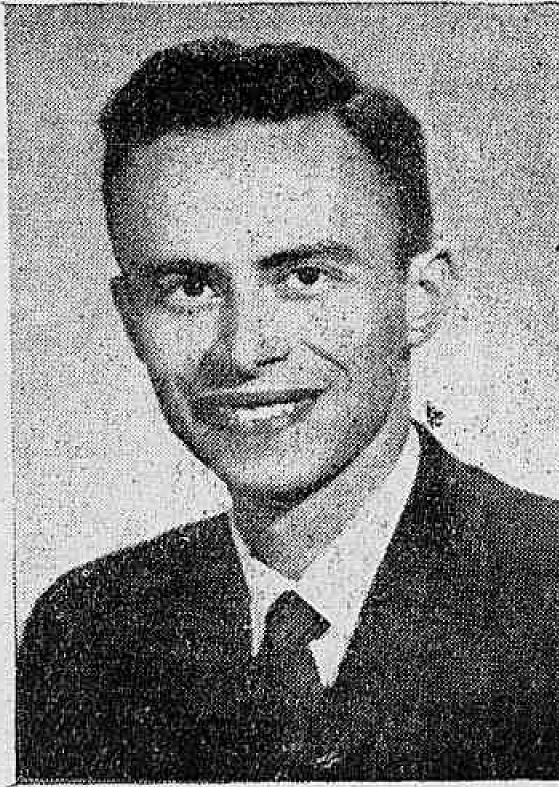
**FICHA 21**

**JOSÉ LUCIANO — 19 anos, 1,81 de altura, 70 quilos, curso ginasial, trabalhando no comércio, estudante de arte dramática, deseja ser ator cinematográfico. Reside em São Paulo.**



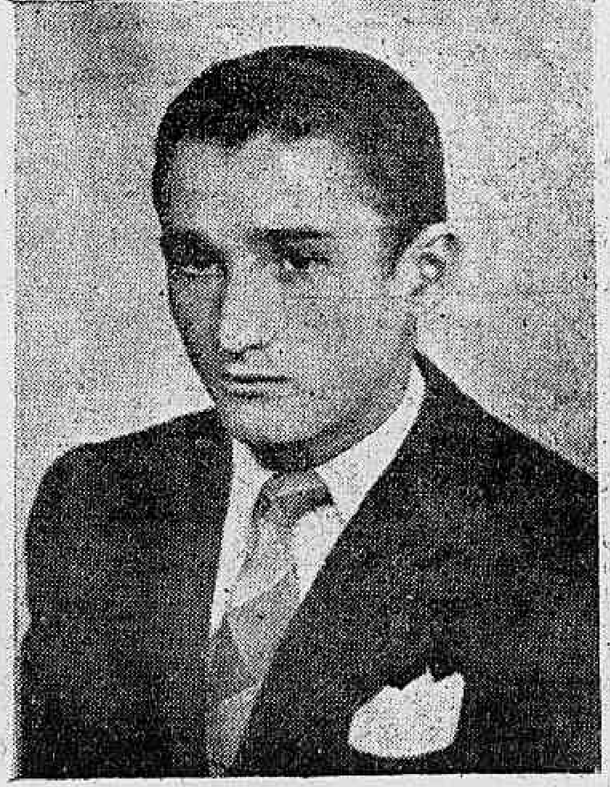
**FICHA 22**

**HÉLIO CESARINO RODRIGUES — 21 anos, 1,76 de altura, 78 quilos, cursando o ginasial, dactilógrafo profissional, experiência de teatro de amadores, estuda piano, canta, deseja iniciar no cinema em papéis secundários. Reside em São Paulo.**



**FICHA 23**

**UMBERTO EDUARDO SENNA — 26 anos, 1,73 de altura, 59 quilos, cursos ginasial, comercial, taquigrafia e correspondência, experiência de palco escolar, curso de inglês completo, secretariado e literatura, deseja ser ator. Reside em S. Paulo.**



**FICHA 24**

**ORLANDO SOUZA — 17 anos, 1,73 de altura, 63 quilos, curso ginasial, estudante, experiência artística de teatro, deseja ser ator de cinema. Os amigos acham-no parecido com Gregory Peck. Reside em Curitiba.**

## FICHÁRIO

Nome ..............................................

Idade ..............................................

Altura ..............................................

Pêso ..............................................

Cursos ..............................................

Profissão ..............................................

Gênero que deseja abraçar ..............................

Experiência artística ..............................

Toca algum instrumento? ..............................

Observações (a critério do candidato) ..........

..............................................



## O LEITOR

que desejar figurar nesta galeria deverá preencher Fichário ao lado e juntar uma (ou mais) fotos de qualquer tamanho, desde que possam dar boa reprodução, em seu próprio benifício.



## O PRODUTOR

que se mostrar interessado por qualquer dêsses candidatos, basta nos escrever mencionando o número da ficha, que prontamente lhe forneceremos o enderêço completo e telefone do mesmo, para um entendimento direto.



## CORRESPONDÊNCIA

Tôda correspondência para esta seção, deve ser endereçada a:

«Candidate-se ao Cinema Brasileiro»
Redação de A CENA MUDA
Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro.

## COUPON

Assinatura ..............

..............................

Enderêço ..............

..............................

Telefone ..............

Cidade ..............



**FICHA 25**

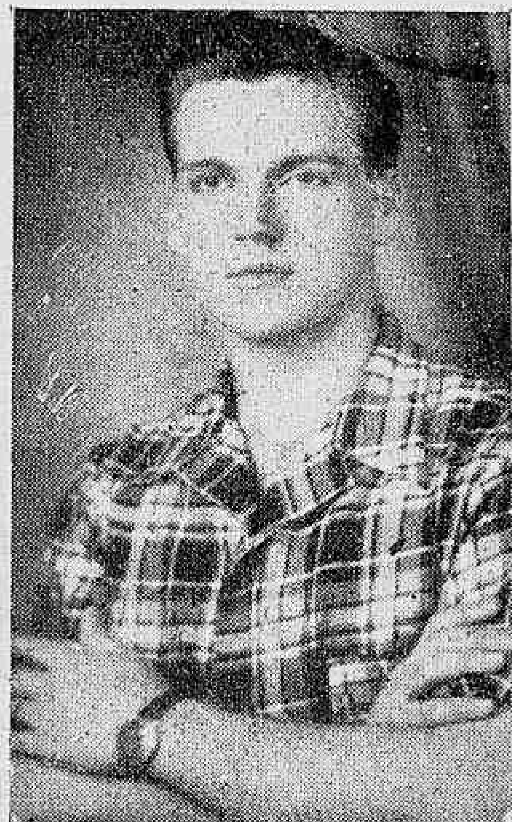
AMÉRICO SILVA — 23 anos, 1,83 de altura, 70 quilos, curso ginasial, comerciante, experiência de rádio, deseja ser galã de cinema. A garôta que o acompanha é Ruth, antiga estrêla da Rádio São Paulo e atualmente professôra da Universidade de Rádio.

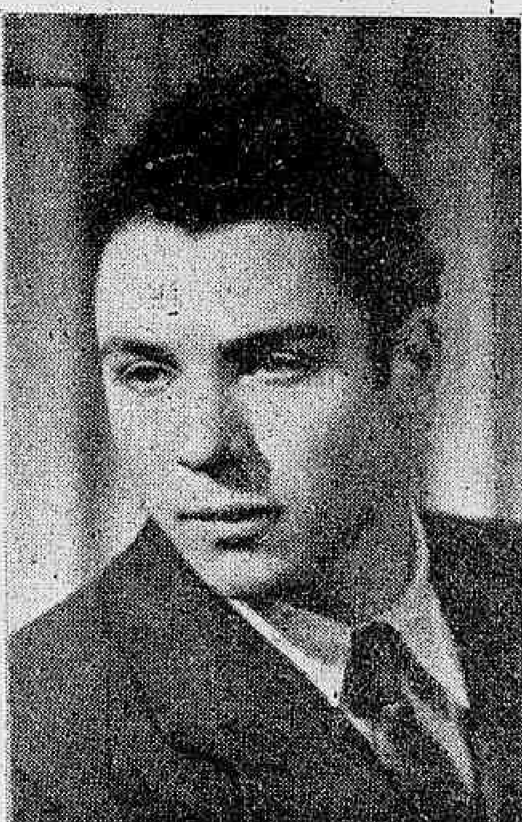
**FICHA 26**

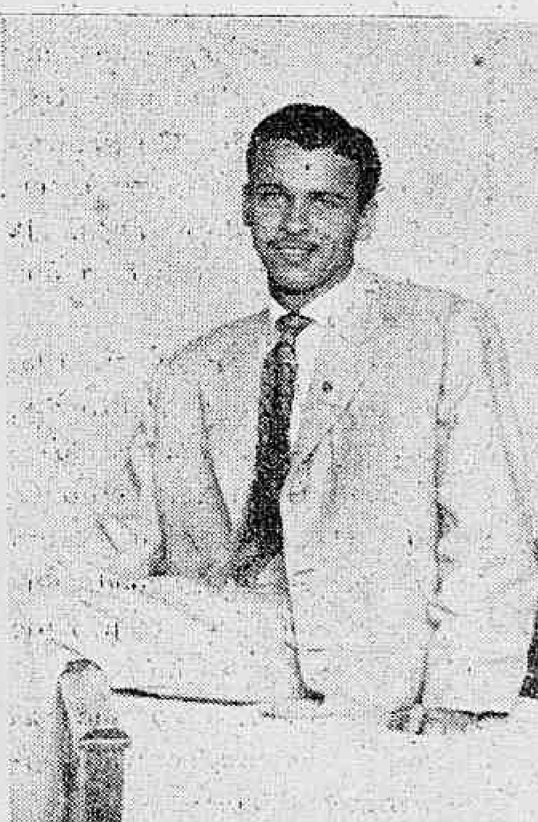
HANS-JOACHIM INGO NEUBRANZ — 16 anos, 1,71 de altura, 57 quilos, curso ginasial, estudante, experiência artística de escola, fala português e alemão, deseja ser artista de cinema. Reside em Marília, Est. de São Paulo.

**FCHA 30**

CLARK VILLAR — 16 anos, 1,72 de altura, 65 quilos, curso ginasial, estudante, com alguma experiência artística, deseja ingressar no cinema como ator cinematográfico, gênero dramático. Reside no Distrito Federal. →









**FICHA 27**

MAURO SAMPAIO ROSAS — 16 anos, 1,82 de altura, 90 quilos, curso ginasial, estudante, experiência de rádio-ator, estuda piano, cantou em programas de calouros em 4 idiomas: inglês, francês, espanhol e português. Atua na Tupi e Mairynk Veiga como rádio ator. Reside no Rio.

**FICHA 28**

MÁRIO CASSANELLI — 26 anos, 1,70 de altura, 69 quilos, curso universitário, jornalista, um ano de curso dramático, pratica esportes, deseja ingressar no cinema como ator dramático ou gênero de aventuras.

**FICHA 29**

RODOLPHO DE ALMEIDA SANTOS — 30 anos, 1,72 de altura, 62 quilos, curso ginasial, fotógrafo profissional, detentor de vários prêmios nesse setor, experiência de teatro, toca piano relativamente bem e sofrivelmente gaita, acha que suas tendências residem no terreno humorístico. Deseja ser ator (comediante) e cameraman. Reside em (?)

# Antes e Depois



Richard Skelton nasceu em Vincennes, Indiana, no dia 18 de julho. Comediante de nascimento. Seu pai era palhaço, junto ao Circo Hagenbeck & Wallace. Aos dez anos de idade, Red tomou parte num espetáculo de amadores e desde então tornou-se ator. Já apareceu em tôda sorte de diversões profissionais, inclusive vaudevilles, e palhaço de circo.

Após trabalhar algum tempo no rádio, Red ingressou na Metro-Goldwyn Mayer, tornando-se um dos maiores comediantes da tela atualmente. Entre seus filmes, contamos: — «Lourinha do Panamá», «Mulheres de Jericó» e «O Homem das Calaminades». Dentro em breve deverá aparecer em «Desculpe a **Poeira»**.



## RED SKELTON

*



Nasceu em Winston-Salem, Carolina do Norte, a 9 de fevereiro, mudando-se para St. Louis, com sua família, quando tinha três anos de idade. Frequentou a escola primária nessa cidade. Aos doze anos, já atraía as atenções com sua bela voz.

Ao mudar-se a família, depois, para a Califórnia, devotou-se à música sèriamente. Enquanto estudava no Manual Arts High School de Hollywood, sua voz chamou a atenção de um dirigente da Metro-Goldwyn-Mayer, o que valeu a ela um contrato cinematográfico.

Submetendo-se a intensivo curso no estúdio, Miss Grayson iniciou sua carreira no cinema em musicais como «As Sete Noivas» e «Marujos do Amor». Recentemente acabou de filmar «Barco das Ilusões» e presentemente deverá encabeçar o elenco de «Brigadoon», da Metro-Goldwyn-Mayer.



## KATHRYN GRAYSON



BEKER



CLAIR



GREMILLON



COCTEAU

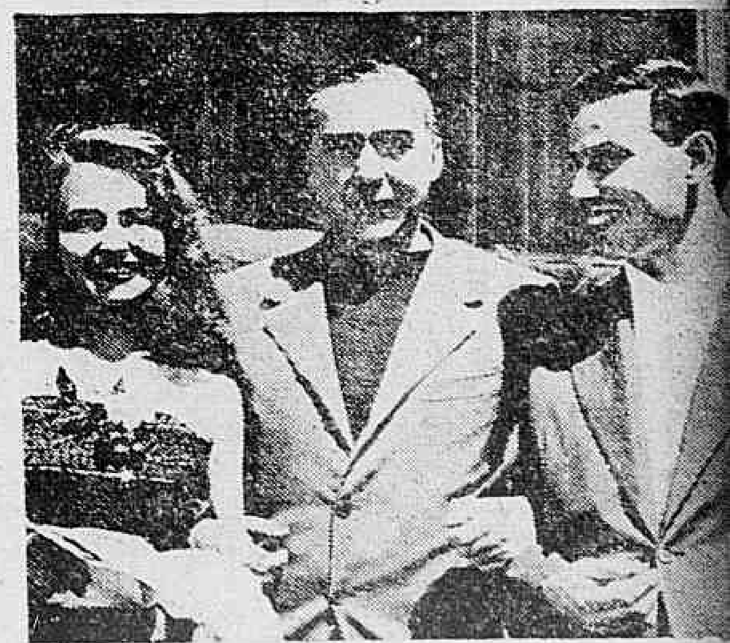



O luxuoso palácio cinematográfico onde foram exibidas as fitas, em Cannes, França.

# O FESTIVAL DE CANNES

Reportagem de LOUIS WIZNITZER

ESTAMOS aqui reunidos em Cannes, jornalistas de trinta países, convidados a assistir ao festival de cinema. Se a nossa profissão pode, às vêzes, ter algumas vantagens, não há dúvida que a nossa estada aqui é uma delas. Já disseram que Cannes é um trecho de Copacabana, que ao longo do mar crescem as palmeiras, que um vento ligeiro e constante carrega por tôda parte o cheiro das flores, e que na areia podemos ver um espetáculo que vale o das nossas praias. Os franceses que organizaram êste festival nos hospedaram em palácios em frente ao mar e nos estão tratando com a maior gentileza. Em poucas palavras, se não fôssemos obrigados a ver tantos filmes, a irmos ao cinema de manhã à noite, isto seria um paraíso. De vez em quando a gente escapa do chamado palácio dos festivais e senta num bar. O vizinho, se não é Orson Welles ou Alexander Korda, é Vittorio de Sica, Malaparte, René Clair, Duvivier, sei lá... Todos os maiores "metteurs-en-scene" do mundo estão reunidos e perseguidos por um exército de moças bonitas, querendo um papel no próximo filme. Nos cocktails oferecidos diàriamente pelas delegações de todos os países, os jornalistas confraternizam, trocam impressões, e falam demoradamente com os reis do cinema. Pois é também a primeira vez que os russos, os poloneses, etc., estão presentes. O famoso Pudovkine, que fêz há vinte anos a "Tempestade sôbre a Ásia", chegou com uma delegação soviética e falou à imprensa, ofereceu cocktail e apresentou vários filmes recentes. Os membros desta delegação foram no comêço alvo da mais intensa curiosidade, mas hoje já ninguém liga quando êles falam ao seu lado. Os filmes soviéticos, poloneses, enfim, de trás da cortina de ferro, foram todos êles um desastre. Não estou falando por má vontade política, mas meramente como crítico de cinema. Utilizam côres lindas, têm êles à sua disposição meios técnicos de primeira ordem. Mas não realizaram um só filme que a gente pudesse assistir durante mais de 15 minutos sem ter vontade de sair da sala. Propaganda fácil, ordinária, ridícula, sentimentos sem a menor fineza, falta absoluta de psicologia, deformação da realidade, otimismo de estado, puritanismo infantil, eis o que caracteriza o cinema soviético de hoje. Assisti aos filmes húngaros, poloneses, russos e tchecoslovacos. "China libertada", "Estrêla Vermelha", "Mussorsky" são filmes que podiam ter sido grandiosos não fôsse esta bruta vontade de ensinar alguma coisa ao público. O Marechal Staline aparece na conversa, na parede, na própria realidade, nestes filmes. Por isso, Novais Teixeira, meu confrade brasileiro aqui, disse que Stalin era o leão da Metro soviética... O país que parece mais adiantado, mais ocidental dêste grupo, é a Tchecoslováquia. Mas houve outros fracassos. Os filmes espanhóis e sul-americanos. Não estou falando por enquanto do nosso filme, mas dos argentinos, venezuelanos, uruguaios, etc. ... A lentidão, a falta por completo de técnica, a grandiloquência são os maiores defeitos, e eu achei todos êles insuportáveis. Talvez tenha sido, por isso mesmo, uma espécie de vitória, a apresentação do nosso "Caiçara", de Cavalcanti. Não foi um sucesso tremendo, nem o público bateu muitas palmas. Mas ninguém saiu da sala, ninguém comentou com desprêzo. O nosso filme foi considerado e criticado como um dos filmes europeus ou norte-americanos, de vez que os outros filmes sul-americanos provocaram risadas ou foram considerados infantis. A imprensa gostou do ritmo e das fotografias, da "mise-en-scene" de "Caiçara", mas achou fraco o cenário. Os argentinos apresentaram "Os isleros", um filme exatamente sôbre o mesmo assunto, tanto que a coincidência parecia mesmo incrível. Disseram que nem podem ser comparados os dois e que o filme brasileiro está bem na frente na América do Sul. Foi, porém, lamentável que não tivesse chegado aqui nenhuma delegação nossa. No meio dos cocktails mexicanos, japonêses, suecos, egípcios, húngaros, faltou o do Brasil, o do velho amigo da França. E os comentários não fal-



Miss Copenhague (Greta Tyssen) gosta muito de Malaparte, desde que êle a contratou para seu próximo filme. Aqui os vemos, ao lado do cronista.



Silvana Mangano (de «Arroz Amargo») reza pela vitória de Malaparte, poucos minutos antes da última hora.

taram a respeito. Os únicos brasileiros aqui somos nós, coitados, três jornalistas: Novais Teixeira, Renato Bittencourt e eu. Abandonados, mas defendendo a honra nacional, não duvidem... Pois bem. Houve outros desastres. As contribuições gregas, holandesas nem valem comentário. Sempre o mesmo assunto. A luta clandestina contra os alemães, um soldado nazista que, depois de matar, toca piano e assim por diante. Mas a surprêsa foi, sem dúvida, a fraquíssima contribuição francesa. Nos diversos filmes franceses apresentados, não há um só que possa ser comparado aos quatro filmes italianos ou mesmo aos inglêses, ou até ao único filme sueco. Já era um fato que o cinema francês nos últimos dois nos estava caindo muito. Mas êste festival foi a revelação espantosa desta situação. "Identité Judiciaire", "Sous le ciel de Paris coule la Seine", de Duvivier, são filmes bem comerciais, bem ordinários. O filme tão esperado de Marcel Carné, "Juliette ou le clef des songes" foi um fracasso tremendo, admitido pelos próprios franceses. Apesar do desempenho de Gérard Philippe e de Suzanne Cloutier, o filme não passa de uma enorme mentira. Um rapaz que está na cadeia porque roubou, sonha que num mundo extraordinário, onde a gente não tem memória, êle encontra a garôta dos seus sonhos, linda, loura, inocente, com grandes olhos maravilhados. Encontra-a e a perde novamente, acorda do sonho, a encontra na realidade, mas aí ela é tão diferente do seu sonho, que êle vai suicidar-se para ficar eternamente junto ao seu sonho. O filme seria menos insuportável se fôsse menos pretensioso. Mas Carné parece durante o filme inteiro estar gritando: eu sou um gênio, vejam só como eu sei pintar um grande amor, como minha aldeia é extraordinária, como a minha gente é diferente, pura, nobre... "Juliette, a chave dos sonhos" despertou muito sonho na sala, isso sim. Mas nesta altura convém destacar o resultado real dêste festival.

Êste encontro de filmes de todos os países não foi inútil. Cada um aprendeu alguma coisa do vizinho. Cada um ensinou alguma coisa que o outro talvez não soubesse. E ficou claro que o cinema mundial de hoje está com tendências bem definidas. Estas são três. Chamarei uma de escapismo, ou seja, fuga da realidade, e as outras de realismo soviético e de realismo italiano. Estas tendências não sòmente se manifestaram nos filmes apresentados como também nas declarações e nas discussões entre os cineastas. Grande parte do cinema norte-americano, e quase todo o cinema francês podem ser classificados como escapistas. Inventam países de sonhos, sêres sem consistência, situações sem verdade, intrigas diferentes... São produtos, não de uma arte, mas de uma indústria cujo propósito é divertir as massas a todo custo. Dos grandes problemas humanos fogem com pavor. Mas alguns filmes norte-americanos, como "Intruder in the Dust", "Sunset Boulevard" ou "Panic on the street" já demonstram uma profunda influência italiana, um esfôrço para a verdade; e na própria França, Cayatte, com sua "Justice est faite" fêz um esfôrço corajoso. Do outro lado, temos o chamado realismo soviético. Assim o definiu Pudovkine: estabelecemos um plano para o ano inteiro, repartimos o dinheiro que o estado nos confere, e entramos em assuntos da hora, resolvemos problemas do nosso povo. Nossos artistas não são vedettes, stars, mas artistas do povo russo. Nos nossos filmes não há crimes, morte, porque gostamos e da vida... Mas então Senhor Pudovkine, a paixão, o crime o suicídio, não são da vida? Será que tudo está azul, tudo está bonito, como nos seus filmes? Todos os russos adoram Stalin, fazem o seu dever, preferem o vizinho a si mesmo. Infeliz não existe na parte de lá? Deve ser ótimo por aí. Mas não acreditamos. Não aceitamos que isso seja realismo. E também uma mentira, uma mentira tão grande como a ocidental, como a mentira estética. Enfim, a



Na Croisette, «Copacabana Francesa», Malaparte palestra com os jornalistas brasileiros Novais Teixeira e Louis Wiznitzer.



Raf Valone e Helena Varzi foram os artistas mais admirados em Cannes. Desempenharam em «Camino de La Esperanza» e «Cristo Proibito». Deram centenas de entrevistas e milhares de autógrafos.

terceira tendência é que mais valor tem. Chamada neo-realista italiana e bem definida nos filmes italianos e inglêses. Segundo as próprias palavras de Vittorio de Sica, autor do "Ladrões de bicicletas", de "Miracolo de Milano", aqui apresentados, devemos encarar a realidade, os problemas dos humildes. Sem pretensão, sem grandiloquência, sem exagêro. Muita sobriedade, muita delicadeza. Não insistir de mais nas dores, no sangue, não chegar ao sadismo, a morbidez, não se aproveitar das situações dramáticas para despertar emoções de superfície. Mas deixar no espectador uma ligeira impressão de amargura, que o comoverá mais de que qualquer discurso, do que qualquer imagem horrorosa. O povo italiano é profundamente humano. Nêle a poesia, a magia surge no meio da própria realidade de todos os dias. O lirismo está na casinha, no pátio, no meio dos camponeses, das ruas, dos palavrões. Não é preciso sonhar com estrêlas. Êste povo não é racionalista, não é intelectual. Aqui, o homem não é lôbo para o homem, mas por êle se interessa. No mundo do filme italiano, que reflete o mundo do povo italiano e de grande parte da humanidade, existe a solidariedade humana, existe a gente que perdoa a traição, existe um pouco de amor pelo vizinho. Na luta contra os ladrões, contra os opressores, contra a miséria, contra o sofrimento, o homem não é completamente sòzinho. Às vêzes, êle perde. Nem sempre vence o bem. A bicicleta roubada não será encontrada. O mundo de fraternidade que *Toto*, herói do "Miracolo a Milano" queria fundar com outros miseráveis, outros desgraçados, mendigos, sofredores da sua espécie, fracassou. Mas os sicilianos famintos que atravessaram a Itália tôda para ir trabalhar na França, depois de terem sido vitimas de chantagem, de roubo, de desastre, feridos na luta contra grevistas, espancados pela polícia, perseguidos, divididos até pelo ódio e pelos ciúmes, chegam à fronteira francesa, nas montanhas e no momento de atravessar, são encontrados pelos guardas da alfândega francesa. Mas êstes olham para esta turma desgraçada, olham demoradamente para aquelas mulheres, aquelas crianças, para as lágrimas que ainda não secaram, para aquêles lábios mudos que gritam a dor; não foi preciso contar nada. Os franceses entenderam, e foram embora nos seus skis, deixando a caravana passar, em silêncio, do desespêro para a esperança, da morte para a vida. Curzio Malaparte, que apresenta o seu primeiro filme: "Cristo Proibito" o disse também: podemos mostrar gente de verdade, casas da realidade, nem miseráveis de mais, nem luxuosas. Casas humildes, gente brava que trabalha, com seus defeitos e a sua humanidade. O povo deve e pode resolver os seus problemas fora dos quadrados dos partidos políticos, das organizações, do estado. Os problemas individuais e coletivos podemos mostrar nos nossos filmes e descobrir assim mesmo a pureza, o amor, a poesia. No seu filme, Malaparte mostra-nos um italiano que em 1950 voltou da Rússia, onde era prisioneiro, para a sua aldeia. Quer vingar-se a todo custo do homem que traiu o irmão dêle, mas ninguém quer dizer quem é, porque o povo aqui quer esquecer o passado, não quer mais sangue, quer viver em paz, quer aceitar o compromisso. Mas a sêde de vingança do prisioneiro (esplêndidamente interpretado por Raf Vallone), não o deixa tranquilo, e êle anda perguntando, buscando, no meio do silêncio e da hostilidade do povo, da própria família. Mas na aldeia vive um santo, um homem que na sua juventude matou alguém e que passou a vida inteira fazendo o bem, trabalhando para os outros, para pagar a sua divida. Êste santo, "mestre Antônio", vai sacrificar-se e por um momento deixa o prisioneiro pensar que o traidor era êle. O prisioneiro então o mata com a faca, mas mestre Antônio antes de morrer confessa que não era êle o traidor, mas que assim mesmo êle pagou para o outro.



A jovem atriz Ana Maria Ferrare, que com seus 16 anos desempenhou brilhante papel em «Cristo Proibito» recebe cumprimentos do diretor.



O mais importante produtor italiano, Mosko; a starlet francesa Gaby Andrieu e o autor de «Kaput».



Suzane Delamare recebe um afetuoso abraço de Ana Maria Ferrare, no luxuoso terraço do palácio, após a exibição de um filme.

E o filme acaba com a grande idéia de Malaparte, que são os inocentes que sempre devem pagar para os outros, que só vale o sofrimento se feito pelos outros, não por si mesmo. Grandes idéias, poesia, é que Vittorio de Sica, Curzio, Malaparte, Di Filippo, Rosselini, Germi, etc., descobrem nos pequenos paises, nas menores aldeias, nas mais humildes casas. As qualidades técnicas, as fotografias, a montagem, o ritmo, a música até são excelentes. Depois dos filmes italianos, temos sómente os inglêses que, na maioria, tem a mesma tendência, com um temperamento diferente. Ainda não foi apresentado o filme inglês "Contos de Hoffman", que é uma adaptação do ballet ao Cinema. O ,filme sueco "Senhorita Juliette" que segundo a peça de Strindberg, na adaptação de Sjoberg, é uma grande obra, cheia de lirismo e de inteligência. A virtuosidade do *metteur-en-scene*, a tremenda riqueza das imagens, a pura sensuálidade, dão a êste filme muitas chances para o maior prêmio. Enquanto o filme mexicano do antigo surrealista (Cont. na pág. 24)



James Whitmore, Nancy Davis e Gary Gray, em «La voix que vous allez entendre.






Daniel Godet, numa cena de «Identité Judiciale», de Henri Jeanson.



Gerard Phillipe num momento dramático de «La Clef des Songes», de Carné.



Elena Varzi e Chicco Col
Germi, «O Caminh



A Praia de Croisette, o paraiso dos turistas que foram a Cannes.

## PRÊMIOS ATRIBUIDOS:

1º prêmio: «Miracle a Milano — de Vittorio De Sica (italiano); «Mademoiselle Julie» — de Alf Joeberg (sueco).

Prêmio do júri: «All about Eve» (americano) com Bette Davis.

Prêmio da melhor seleção: Italiana. «Miracolo a Milano» (De Sica); «Cristo Proibito» (Malaparte); «Camino dela Speranza» (Germi); «Napoli milionaria» (Philippo).

Prêmio da mise en scene: Los Olivados (mexicano) de Bunuel.

Melhor intérprete feminina: Bette Davis; melhor intérprete masculino: Michael Redgrave.

Melhor cenário: «The browning version» (inglês) de Asouith.

Melhor fotografia: ((Venezuela): La balandra Isabel llego esta tarde.

Decor: Mussorsky (russo).

«Caiçara, filme brasileiro de Cavalcanti, apresentado também, não ganhou prêmio, apesar do seu valor. Mas destacamos o fato que o delegado brasileiro, BARRETO PLÍNIO, não chegou. E que a nossa delegação foi a única a não oferecer «cocktail» aos jornalistas e ao júri.



«Os Contos de Hoffman», tecnicolor da dupla Michael Powell-Emeric Pressburger



Chicco Coluzzi no filme de Pietro «O Caminho da Esperança»



O mendigo, em «Luci de Varieta», uma das boas apresentações do cinema italiano



«Estrada Vermelha», um dos filmes soviéticos apresentados no Festival

# FRANÇA

NO Festival Internacional Cinematográfico de Cannes, foram os seguintes os filmes apresentados pelos respectivos países:

ALEMANHA:

«Tödliche Traumes» (Sonhos Mortais) «Lockende Gefahr», «Das Doppelte Lottchen».

BRASIL:

«Caiçara».

ESPANHA:

«Balarrasa» e «La Honradez de la Cerradura».

ESTADOS UNIDOS:

«All about Eve», «A place in the Sun», «Lights Out», «Mad Wednesday».

FRANÇA:

«Edouard et Caroline», «Indentité Judiciaire» e «Juliette ou la Clef des Songes».

GRÉCIA:

«Última Missão».

INGLATERRA:

«The Tales of Hoffmann», «Pandora and the Flying Dutchman», «Browning Version».

ÍNDIA:

«Nosso Combate»

ITÁLIA:

«Cristo Proibito», «Miracolo a Milano», «Il Canino della Speranza», «Napoli Milinária».

ISRAEL:

«Pioneiros Modernos».

MÉXICO:

«Los Olvidados».

PAÍSES BAIXOS:

«Bali, ilha dos Deuses».

RÚSSIA:

«Mussorgsky», «Estrada Vermelha».

SUÉCIA:

«Froken Julie».

SUIÇA:

«Quatro num Jeep».

Num total de 29 filmes apresentados por 15 países. Além dos citados, o Japão, a Áustria, o Luxemburgo e Marrocos, apresentaram pequenos filmes de curta metragem.

# Flashes Mundiais

## ESTADOS UNIDOS

★ Ida Lupino será a estrêla da próxima fita da Filmakers para a RKO — «Day Without End», que se baseia em «The Man», obra teatral de grande sucesso, do autor Mel Dinelli. «Day Without End», a ser produzida por Collier Young, com Dinelli como produtor associado, constituirá uma negociação separada da Filmakers com a RKO, não sendo uma substituição da terceira fita que a Filmakers produzirá de acôrdo com o seu contrato com esta. Dinelli, autor da peça original, escreveu também a versão cinematográfica da mesma, sob o referido título «Dav Without End». Não ainda designado o diretor. ★ COMO UM passo inicial em seus planos para ajudar os exibidores em sua conquista do público infantil, atualmente atraido pelos programas de televisão, Jerry Wald e Norma Krasna farão «Galahad», produção em tecnicolor, baseada na famosa legenda dos Cavaleiros da Távola Redonda do Rei Artur. Estará em breve sendo preparado um escrito original, tendo por base a obra original de Tennyson. «Idílios do Rei», e a obra de Walter Map, «Em busca do Santo Graal». Um elenco de bem conhecidos atores está sendo escolhido para essa realização. Há outras obras clássicas em consideração também. Das que as crianças preferem, como a «Ilha do Tesouro», produzida por Walt Disney, Wald e Krasna tencionam levar a cabo essas obras periòdicamente, dentro dos seus planos anuais de doze películas, nos próximos cinco anos de contrato com a RKO. Além dessas, os produtores estão tratando de outras películas com interêsse para a garotada, incluindo nelas cenas de especial interêsse, como, por exemplo, Cowpoke», uma história de cowboys. Assim, êsses produtores cooperam com os empresários. ★ QUANDO FRED McMurray foi escolhido para desempenhar o papel de rancheiro em «Come Share My Love», comédia em que o artista se sentiu como em sua própria casa... Porque Fred é dono de dois mil acres de terras de pastagens, no norte da Califórnia, e, durante os últimos oito anos, tem estado cuidando da criação de gado vacum e lanífero. E, para comprovar isso, realizou diante das câmeras algumas proezas que estava acostumado a fazer no seu rancho... Irene Dune ficou muito contente, quando a designaram para interpretar o papel de uma compositora de canções, na comédia em que ela trabalha ao lado de Fred McMurray, «Come Share My Love». Êste filme é uma comédia romântica», disse ela... «algo com que há tempos vinha sonhando... Lendo o escrito, vi logo que o papel me servia como uma luva». Harriet Parsons, que produziu «I Remember Mama», com Irene Dunne, foi também a produtora de «Come Share My Love». Ninguém pode se fiar em aparências ... William Demarest, que faz o papel de um homem irrascível na comédia «Come Share My Love», juntamente com Irene Dunne e Fred McMurray, é um dos homens mais calmos que pode haver na vida privada. «Gosto de representar tipos malcriados», disse êle. «Assim tenho a oportunidade de cair da minha rotina de homem bonachão, sem, entretanto, ter que me zangar mesmo com as pessoas...» ★ GEORGE BALANCINE vai montar e dirigir as seqüências do ballet para o filme em tecnicolor a ser reali-

(Cont. na pág. 26)



**AVA GARDNER**
**Filmando com Gable**



**DONALD O'CONNOR**
**Filmando na Metro**



**LEX PARKER, o novo Tarzan de Hollywood, intérprete de «Tarzan e a Montanha» e «Tarzan's Peril», casou-se recentemente com a linda Arlene Dhal, uma novata que pouco a pouco vem conquistando numerosos fãs em todo o mundo.**



**MARLENE DIETRICH, sempre jovem e bela, ainda que pareça incrível, está novamente em atividade. Aqui a vemos num intervalo da filmagem «No Highway» uma produção que está sendo rodada em Londres, pela Fox, e que apresenta James Stewart como astro principal.**

# INGLATERRA



**CHARLIE CHAPLIN**
**Filmando Bernard Shaw**

★ PELA primeira vez Charlie Chaplin vem de atuar num filme dirigido por outrem. Trata-se de «Androcles e o Leão», que está sendo rodado atualmente na Inglaterra, baseado numa peça de Bernard Shaw, e que tem como estrêla, a atarefadíssima Jean Simmons. ★ DURANTE AS filmagens de «Heroi do mar», em águas da base naval de Portland, foram tomadas as mais sensacionais vistas de um submarino até hoje obtidas. Essas cenas de grande realismo, orientadas por um almirante da marinha inglêsa, foram tomadas de uma plataforma especial de seis metros de altura, construida sôbre o submarino «Tip-toe». Durante as quatro longas horas que duraram as filmagens, John Mills, um dos atores, atuou como comandante, do submarino «Tip-toe», rebatizado com o nome de «Trojan» para o filme. Enquanto isso, uma movimentada e dinâmica equipe de sons, desceu ao paiól a fim de captar os ruidos característicos de um submarino em marcha. Um dos técnicos de som estêve durante uma hora suspenso por uma corda na cintura com o microfone em punho, para captar os sons característicos vindo da pôpa do barco. A fim de tornar mais fácil os trabalhos de filmagem, a velocidade do barco foi reduzida ao mínimo, com o intuito de fazer-se possível enfrentar a neve e o vento que caiam sem cessar.

# PORTUGAL

Fátima *é, hoje, um caso religioso não só português mas de tôda a cristandade, guardado, segundo as profécias, para os mais altos designios da Providência Divina. Compreende-se que já por várias vêzes tenha interessado os cineastas portuguêses, servindo de tema para diversas peliculas, e esteja agora outra vez na base de nova obra cuja produção a Lisbôa Filme vai empreender com auxílio do Fundo do Cinema Nacional. Simplesmente até aqui Fátima inspirou às câmaras de filmar portuguêsas ou documentários ou dramas em que o diálogo entre o septicismo e a crença constituia a base do conflito.*

*Agora, pela primeira vez, Antônio Lopes Ribeiro, como supervisor, e Gentil Marques, como realizador, vão tentar reconstituir os tempos de exaltação dos primeiros milagres, atravez da história dos três pastorinhos a quem apareceu a Virgem do Rosário, nêsses tempos conturbados.*

*Foi num dos mais ásperos e ermos vales da Serra de Ourem, junto dumas azinheiras solitárias que, a 13 de meia de 1917 a Virgem apareceu a três pastorinhos, Lúcia, Jacinta e Francisco que por ali andavam com seu gado. A Europa e o Mundo debatiam-se com grave crise em plena guerra mundial. O comunismo ia apoderar-se da Rússia. A Virgem do Rosário de Fátima recomendou aos pastorinhos a penitência e a oração para salvação dos males do Mundo e prometeu todos os dias 13, durante seis meses, dar sinal da sua presença no mesmo local. O relato dos três pastorinhos foi recebido primeiro com grande reserva por todos e principalmente pelas autoridades eclesiásticas. Mas os testemunhos sucediam-se todos os meses e o bispo de Leiria autorizou o culto. No dia 13 de outubro, último dia em que Nossa Senhora prometera aparecer, gente de Portugal inteiro se juntou na escalvada serra. Então, diante da multidão ajoelhada uma nuvem se ergueu no céu; junto da azinheira onde Lúcia, Jacinta e Francisco tinham visto Nossa Senhora rebentou uma fonte; o sol ficou um disco de prata fosca e o céu durante momentos enegreceu.*

*De então para cá os milagres sucederam-se e o culto de Fátima alargou-se a todo o Mundo.*

*Mas o filme "O Milagre de Fátima" conta principalmente a história daqueles seis meses e a odisséia de três creanças apertadas em terriveis interrogatórios, afirmando na sua ingenuidade, um dos mais generosos auxilios do céu para salvação dos homens.*

*Depois de provas apertadissimas os três intérpretes infantis estão selecionados e ainda êste mês começarão os trabalhos de filmagem, rodeados de todos os cuidados que as responsabilidades morais e religiosas, do tema impõem aos produtores.*



# ITÁLIA

**No flagrante acima, tomado em Roma, vemos o escritor italiano Curzio Malaparte, ao lado de uma nova e promissora descoberta. Anna Maria Ferrero. Malaparte é o autor do argumento de «Cristo Proibito», um dos filmes que deu à Itália um prêmio no Festival de Cannes. Anna Maria, descoberta e lançada por Malaparte completa com Elena Varzi e Raf Vallone o trio central de «Cristo Proibito». Em baixo, vemos Vittorio de Sica, ao lado da jovem intérprete Brunella Bovo, quando do lançamento em Milão de «Miracolo a Milano», filme rodado em sua maioria, naquela própria cidade italiana. A respeito do lançamento de «Miracolo a Milano», houve um pouco de surprêsa por parte dos espectadores, pois o filme apesar de suas boas intenções e ótimas qualidades, não possui o dinamismo e aquela atmosfera, tão própria do cinema italiano, resultando num filme frio, e marcantemente literário, segundo a opinião dos que já tiveram oportunidade de assistí-lo.**



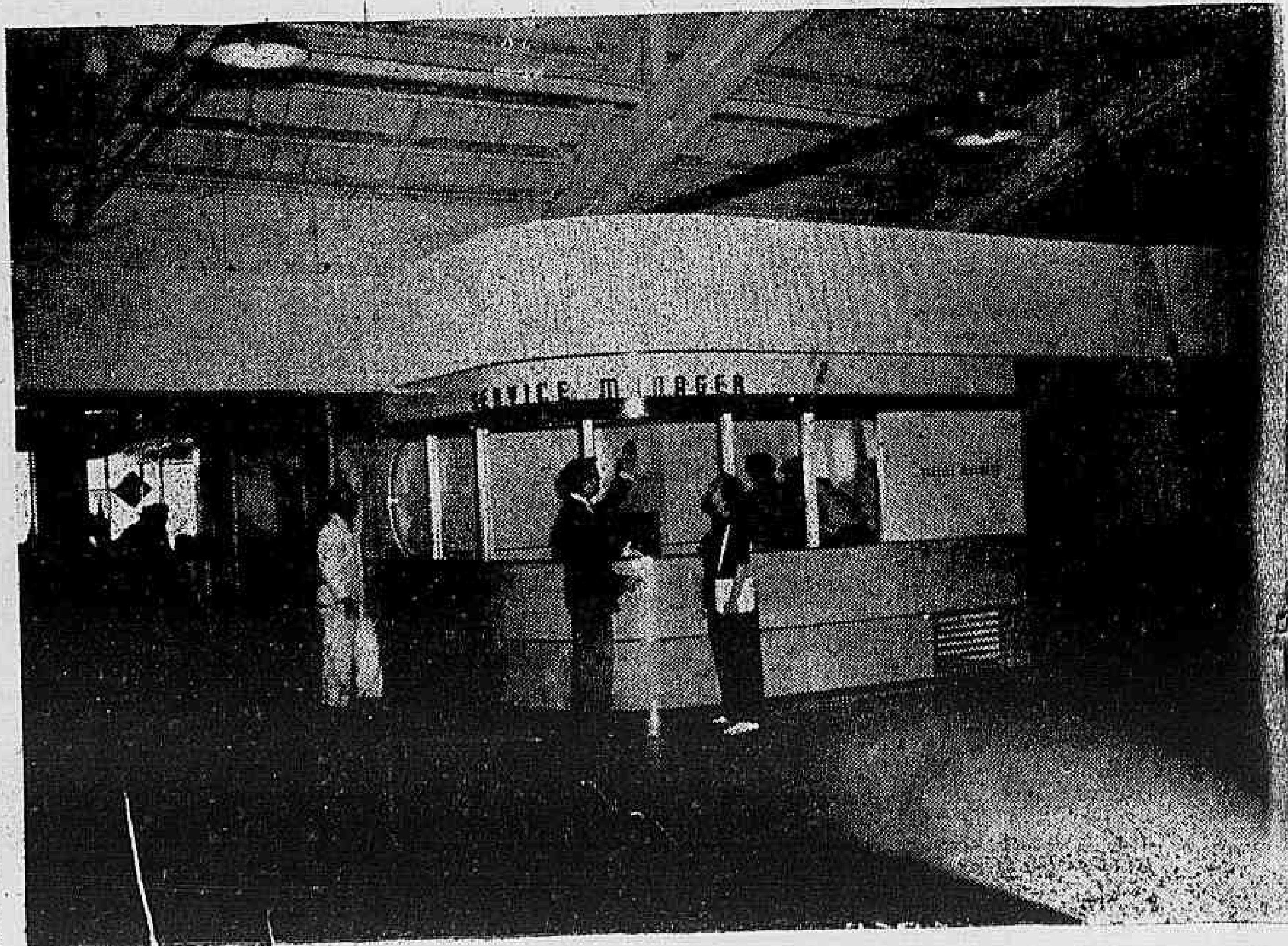




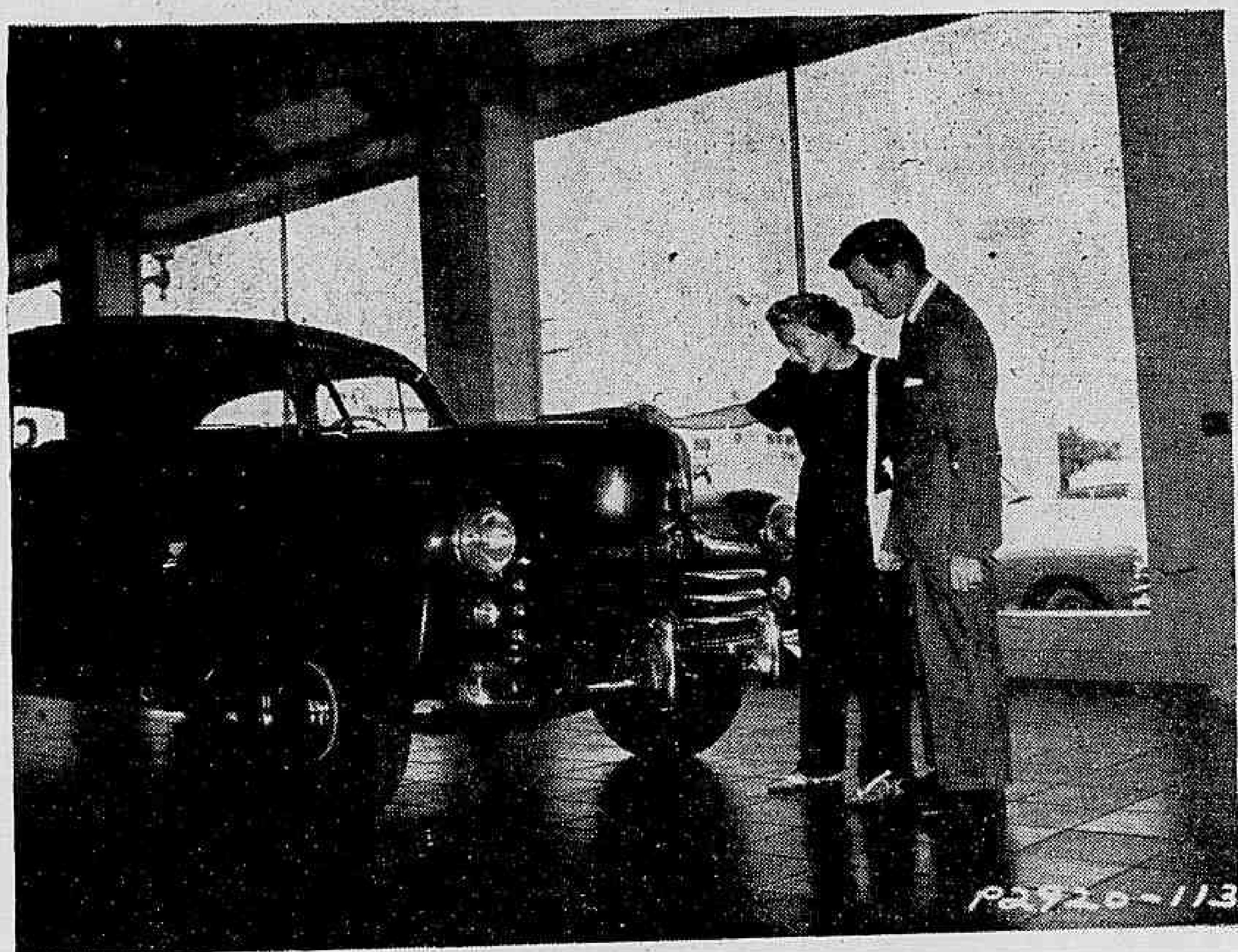

# MONA FREEMANN VISITA SEU ESPÔSO

NASCEU Mona Freeman em Baltimore, no dia 9 de Junho de 1926 Seu verdadeiro nome é Mônica Elizabeth Freeman. Descendente de irlandeses e franceses, é ela loura, de olhos azues, inteligente, atriz de cinema e pintora, estando seu modesto apartamento ornamentado com pintura a óleo de sua autoria. Casou-se no dia 15 de setembro de 1945 com o agente de automóveis, Pat Nerney, sendo o casal um dos mais populares de Hollywood, já que é visto na maioria dos acontecimentos sociais e esportivos, inclusive nas partidas de futebol e baseball. A filhinha do casal, Mona Freemann Nerney, nascida em 25 de outubro de 1947, recebe todos os cuidados da mamãe, que depois do seu nascimento se revelou uma excelente dona-de-casa. Mona é ardorosa fan do cinema, e leitora insaciável, sendo seu autor predileto O. Henry. No teatro, dá preferência ao gênero musical, apreciando não só os clássicos, como também Bing Crosby e Frank Sinatra, Lawrence Olivier, Vivien Leigh, Billy de Wolfe e Keenan Wynn formam o quarteto de seus atores prediletos. Brevemente, Mona será vista em «A marca Rubra», da Paramount, com Alan Ladd.











# MARCEL CARNÉ

JEAN QUEVAL

(Copyright do S.F.I. — Especial para «A CENA»)



Marcel Carné

Começou, nos últimos dias do mudo, sob a égide de Jacques Feyder. E' difícil ser introduzido no cinema por mestre mais seguro. Marcel Carné, não o esconde e guarda à memória do mestre uma lembrança fiel. «Devo-lhe tudo», disse êle um dia, e continua a dizê-lo. Uns meses depois de ser iniciado no cinema, Marcel Carné estreiava-se no jornalismo, cinematográfico, bem entendido, e por pouco tempo. Ao mesmo tempo que escrevia sôbre os outros realizou o seu primeiro filme — uma metragem média realizada em exteriores e consagrada aos prazeres dominicais dos parisienses. Chamava-se: «Nogent, Eldorado du dimanche». Era num tempo em que não havia ainda subvenções para curtas metragens, em que as dificuldades materiais iam de par com a indiferença da critica: só à fôrça de teimosia se conseguia qualquer coisa. Apesar de tudo, houve dois críticos que repararam em «Nogent». Alguns profissionais apreciaram o filme. Mas foi necessário que Jacques Feyder tivesse uma oportunidade maior Depois de ter sido diversas vêzes assistente realizador (além de Jacques Feyder, com Renne Clair) pôde finalmente realizar o seu primeiro filme: «Jenny». Dêste primeiro filme a «Juliette ou la clef des songes», estende-se uma carreira gloriosa. E' banal já dizer-se que Marcel Carné figura entre os três ou quatro primeiros realizadores franceses.

Como é justo, o seu nome aparece quase sempre ligado ao de Jacques Prévert. Com Prévert por cenarista e dialoguista Carné assinou algumas das obras que fundaram o prestigio do cinema francês de antes da guerra; obras que dão origem a uma escola, a do realismo poético. Os subúrbios de Paris ou o pôrto do Havre, rigorosamente estilizados, numa estranha tonalidade nórdica; a introdução da tragédia na vida cotidiana; o conflito da inocência e da experiência; a reclusão do operário numa sociedade desprovida de graça social: são os traços que caracterizam melhor esta escola, e as duas obras de maior significação: «Quai des brumes» e «Le Jour se lève». Talvez seja necessário acrescentar uma dose de jansenismo, tanto mais forte quanto inconsciente. De tudo isso qual a parte de Jacques Prévert e qual a de Marcel Carné? A resposta é delicada. O que é certo é que, com ou sem Prévert, o gênio de Carné rompe os limites desta escola e dêste gênero. A sua contribuição cinematográfica liga-se ainda com efeito ao burlesco (Drôle de drame), ao legendário («Les visiteurs du soir, Juliette ou la clé des songes») e ao romance, graças ao «Enfants du Paradis», suntuoso e admirável afresco sôbre o teatro parisiense do século XIX, e graças à inesquecível interpretação da atriz Garance de Arlettu). Quais, em tudo isto, as qualidades próprias do encenador? Êle soube rodeiar-se de uma equipe brilhante, e sobretudo de um decorador excelente na pessoa de Trauner, seu colaborador essencial. Êle sabe como poucos escolher e dirigir os comediantes: Jean Gabin e Michèle Morgan, entre outros, devem-lhe a carreira meteórica que fizeram. Êle é o homem das proezas visuais. A realização das cenas de floresta em «Juliette ou la clé des songes» é das mais espantosas performances cinematográficas que conheço. Marcel Carné pode controlar o trabalho de qualquer operador, talvez porque os pode substituir quase todos (assim como o papel do decorador Trauner, e do músico Kosma, parece e é indispensável o do operador é por assim dizer exclusivamente técnico). O mais admirável ainda é que no dizer dos seus colaboradores possua uma ubiquidade de vista capaz de substituir não só o operador como a script-girl.

Quando se lhe pergunta a que dá importância maior nos seus filmes, Carné, não hesita, e responde: «A certa linguagem plástica», acrescentando: «Sou sensivel a um cenário belo, a uma fotografia bela, talvez de mais». Talvez de mais? Sei e não. E' certo que a qualidade plástica das suas obras por vêzes as prejudicou, em resultado da refração de um ar-

(Cont. na pág. 24)

## O FESTIVAL DE . . .

(Cont. da pág. 19)

Bunuel foi uma desilusão. Surrealista de mais, realista de mais, sádico de mais, perverso de mais, tudo neste filme é um pouco de mais... "Los Olivados" foi realizado com um esteticismo antiquado e não merece aplausos. Mas sábado, saberemos quais os vencedores, quais os vencidos. O festival de Veneza recompensou muito os filmes franceses, e não há dúvida que os filmes italianos por sua vez serão premiados, e bem o merecem. Até lá, continuaremos a passear com Szanuk, Rank, René Clair, Ali Khan e as celebridades do cinema, os atores que também estão aqui, a frequentar os cocktails e a tomar banho de mar. De todo jeito, a nossa honra foi salva, ontem, graças ao engano de um jornalista francês que pouco importa-se das realidades e escreveu que o cocktail húngaro não era tão luxuoso, tão engenhoso como, por exemplo, o cocktail do Brasil. Êsse cocktail, só mesmo no Festival de São Paulo.

## MARCEL CARNÉ

(Cont. da pág. 23)

gumento que não merecia tanta aplicação, mas as qualidades de Carné mantêm-se, como confirma de sobejo «Juliette ou la clé des songes» (mesmo que o argumento não satisfaça inteiramente é ao nível das obras de alta qualidade que se situa a discordância).

Marcel Carné é um homem trigueiro espaduado. Tem o olhar quente, o andar lesto, a conversa nervosa, um pouco sacudida. E' sensível ao elogio, como aos críticos. Discorre com volubilidade, desde que esteja em terreno familiar e se sinta em confiança. Ouve de perfil e lança um olhar de esguelha aqui e ali, e vê, como já disse, tudo. Fala com humildade das pessoas que revenera; o seu mestre Feyder, decerto, mas também de Charlie Chaplin e von Strohein. E' um homem de instinto com reações diretas. De modo algum um intelectual. Com isso, a prudência. Sanguíneo, prudente, instintivo, sensível, susceptível; Parisiense de nascença. Parisiense de hábitos. Parisiense de vocação. Habita numa das mais simpáticas ruas de Montmartre, essa rua Caulaincourt que encerra uma das colinas da cidade. Gosta dêste bairro como se gosta da nossa aldeia. Tem duas doenças. Não sabe guiar um automóvel e não fala nenhuma língua estrangeira. Esta última característica é bastante reveladora. E', digamos, um insular, e creio que deve pensar mais ou menos como êsse herói de Marcel Achard: «O estrangeiro é um país». Mas que ganhava êle em cortar as raizes, e quem negaria a êste grande artista o direito de alicerçar o seu talento numas poucas limitações?

Senhora!
Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua
HIGIENE ÍNTIMA
Metrolina
ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

## FLOR DE SANGUE

(Cont. da pág. 9)

Garanto-lhe que existe u'a maneira. — Virou-se cansadamente para Mark. — Mark, eu contei a Madelon e a Stephanie uma coisa que você precisa saber. A mãe de Madelon foi morta em Whitewater. E com ela havia um garotinho. Stephanie acredita que talvez tenha sido o irmão de Madelon. Creio que é melhor que você vá para onde ela está, agora.

Quando êle saiu da sala Stephanie exclamou, trêmula:

— Este menino não deve cair nas mãos de Durossac! Precisa sair de Quebec.

— Estou tomando conta disso, também, — confortou-a Charles.

— Vocês dois sòzinhos empreenderam um trabalho maravilhoso... — Ela estava em seus braços, chorando suavemente.

Charles apertou-a de encontro ao peito, a compreensão e o amor que nutria por ela vestindo cada palavra com ternura.

— Êle, sim, é que será um grande homem.

Os olhos de Stephanie fixaram-se nos seus, uma nova luz brilhando através das lágrimas.

— Sei que será, tenho plena serteza.

— Ela o beijou suavemente, finalmente saciada a saudade de muitos anos. — Adeus, Charles.

Mark encontra Madelon em seu quarto. Ela, também, estava chorando, mas a ternura não conseguia dissipar as suas lágrimas. Êle a deixou sem nada poder fazer, juntando-se a Charles na porta. Juntos êles se dirigiram para os arredores do Quebec, em demanda da igreja do Padre Antoine. Novamente Charles acendeu uma pequena vela no altar da igreja, e pela primeira vez disse abertamente a Mark:

— E' pela sua mãe.

Êle olhou as chamas que se erguiam vagarosamente e então murmurou, vagarosamente:

— Creio que ela sabia, em seu coração, o que o futuro nos reservava. Creio que ela sabia há muito tempo. Uma vez ela disse: "*Não* abrir uma rosa arrancando-lhe as pétalas... quanto menos uma rosa de ferro". — Êle se virou para o filho. — Você e eu agora sabemos o que isso significa. O Canadá era a rosa de ferro.

Na escuridão da noite mais uma vez Charles disse ao filho:

— Vá para a Serraria de Hogg. Descubra onde está a nossa gente. Quantos restam. Teremos notícias para êles muito breve.

— Então, eu devo voltar? — indagou Mark.

— Não! Vai haver uma anistia geral. Mas não será para você. Você nunca deve, sôbre tôdas as coisas, cair nas mãos de Durossac. Fique longe de Quebec e espere até que eu chegue.

— Mas se o senhor...

— Mesmo se eu mandá-lo chamar, ignore. A mensagem será falsa. — Por um instante Charles apertou o filho de encontro ao peito num abraço apertado. — Adeus, Mark!

— Adeus, papai!

O Coronel Durossac levantou os olhos surpreendido ao ver o rosto do homem que entrara em seu escritório. Em verdade êle havia enviado uma mensagem para Charles Douglas, oferecendo anistia se acaso êle se entregasse. Mas nunca esperou que isso acontecesse, tão cêdo...




SIMONE SIMON
VIVI GIOI
FRANÇOISE ROSAY
IRASEMA DILIAN
e VALENTINA CORTESA
HOJE
ART-PALACIO
PATHÉ
FONE 22-8795
PARATODOS
FONE 29-5121
NATAL
TRINDADE

Minutos depois a sua astúcia começou a trabalhar. Êle ouviu o apêlo do homem que o encarava corajosamente, parecendo aceitar, dando permissão para retirar-se sem prendê-lo. Então êle olhou a figura solitária daquele homem atravessar o pátio do lado de fora da janela.

E não se haviam passado muitas horas quando o corpo de Charles foi entregue a Stephanie. A carruagem que a levara a Serraria de Hogg parou abruptamente. Um grupo de *voyageurs* cercou-a imediatamente até que, reconhecendo-a, Mark correu, murmurando baixinho: "Stephanie!"

— Onde posso falar com você?

Mark levou-a para uma oficina próxima.

— Isto é a anistia? O meu pai me quer?

A sua resposta foi despida de qualquer emoção:

— O seu pai está morto.

— Como isso aconteceu? — Mark perguntou, depois de uma pausa demorada.

(Cont. na pág. 26)




# FRANÇA FILMES DO BRASIL

*Orgulhosamente apresenta
ao distinto público brasileiro
o filme mais discutido dos
ultimos tempos.*

# O direito de matar

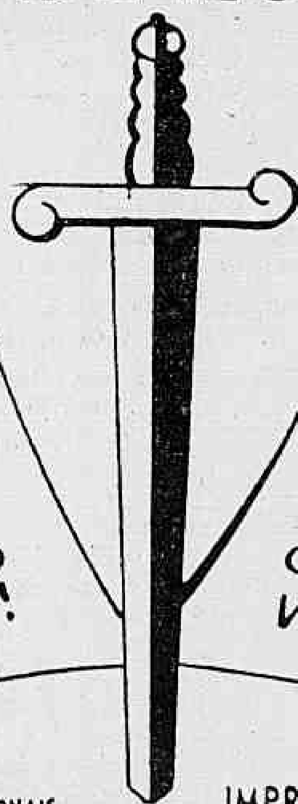
**( JUSTICE EST FAITE )**

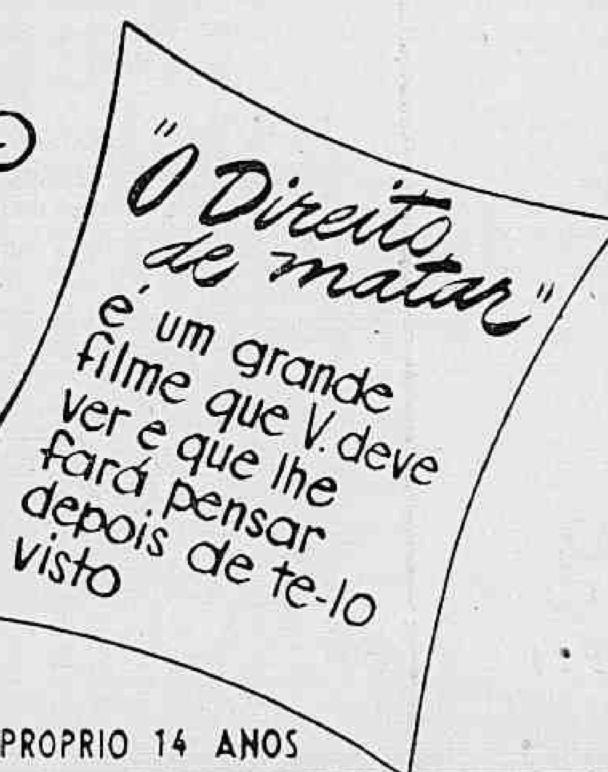
*um filme de*
**ANDRÉ CAYATTE**

com

**MICHEL AUCLAIR**
**CLAUDE NOLLIER**






COMPLEMENTOS NACIONAIS — IMPROPRIO 14 ANOS

**GRANDE PRÊMIO INTERNACIONAL DE VENEZA EM 1950**

**2.ª FEIRA DIA 11 DE JUNHO**

**PATHÉ** FONE 22-8795 — **PRESIDENTE** FONE 42-7128
**PARATODOS** FONE 29-5191 — **LEME**






ÁGUA
INGLÊSA




STUDIO FREY



**A BELEZA DOS SEIOS** **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

**BÉL-HORMON**



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 83 — Rio de Janeiro

---

Soc Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ...

NOME ..........

RUA ... .............. Nº

CIDADE ... ESTADO .......

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00


## FLOR DE SANGUE

(Cont. da pág. 24)

— Não sabemos. Êle foi morto pelas costas. Alguns soldados trouxeram o seu corpo para a minha casa, coberto por alguns tapêtes. Deixaram-no sem dirigir uma só palavra a quem quer que fôsse. Então nós desenrolamos o tapête e...

Quando ela se calou disse preocupadamente:

— Você deve voltar para a floresta. Viva como êle lhe ensinou... Sempre mudando-se...

— Êle me disse que nunca poderia haver qualquer anistia para mim.

— Não há anistia para quem quer que seja!

— Mas os *voyageur?*

— Êles estão numa armadilha, debaixo das paredes!

Em sua face apareceu uma máscara de decisão.

— Ainda temos quase oitocentos homens escondidos nas florestas. A guarnição ainda está em Whitewater. Podemos tomar as tôrres pelo lado de dentro e abrir os portões da Citadela. Malbeuf! Todos vocês! — gritou êle, dirigindo-se aos *voyageurs*. — Venham todos aqui.

Os homens se apressaram em atender ao seu chamado. Mark teve tempo sòmente de sussurrar para Stephanie:

— Não devem saber que o meu pai está morto.

— Que se aproximem todos os corredores. Todos os homens devem estar juntos hoje à noite! Amanhã à noite Quebec será nossa.


# O SEGREDO DE SUA MOCIDADE:...

### VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna

**A venda nas boas Farmácias**

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

### EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

### LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

**(Exigir a embalagem verde)**

**MULTIFARMA**

**Praça Patriarca, 76 — 2º**
**São Paulo**
**Remessa pelo Reembolso Postal**


Agora é história, a batalha de Mark Douglas por Quebec. A história da desgraça, da derrota — e traição. Malbeuf atacara do outro lado de St. Lawrence na hora exata, enquanto Mark emergia com os seus homens dos túneis na própria citadela. Mas a principal (*Cont. na pág.* 30)

## ESTADOS UNIDOS

(Cont. da pág. 20)

zado por Samuel Goldwyn baseado na vida de Hans Christian Anderson, cujo elenco será encabeçado por Danny Kaye e Norma Shearer. Assim se renova uma antiga amizade, desde que Balanchine dirigiu também as seqüências do ballet que figurou no filme «The Goldwyn Follies», do veterano produtor. ★ HEDY LAMARR gostou tanto dos vestidos que usa em «Sansão e Dalila», que encomendou à figurinista Edith Head várias estilizações dos mesmos para uso pessoal. ★ O DIRETOR Richard Brooks deu início à filmagem de «The Light Touch», cujo elenco é encabeçado por Stewart Granger, o herói de «As Minas do Rei Salomão» e Pier Angeli que, ao lado de John Ericson, interpretou o papel-título de «Teresa». O produtor S. Berman estêve presente durante a tomada das cenas de abertura, que se verificou na localidade de Taormina, na Sicília. A companhia seguirá, logo depois, para Tunis a fim de apanhar as seqüências que se desenrolam naquela região. Constam do «cast»: George Sanders, Norman Loyd, Mike Masurki e Rhys Williams. O argumento do filme foi escrito pelo próprio Richard Brooks. ★ AVA GARDNER e Clark Gable foram escolhidos para protagonistas principais de «Lone Star», filme em preparo nos estúdios de Culver City. ★ SPENCER TRACY, que por duas vêzes conquistou o Prêmio da Academia, surge novamente na pele do «pai da noiva», na nova película da Metro-Goldwyn-Mayer «O Netinho de Papai», continuação de «O Papai da Noiva». Os protagonistas centrais são os mesmos, como é natural: Elizabeth Taylor, Don Taylor (nenhum parentesco...), Spencer Tracy e Joan Bennett. ★ O INCANSÁVEL Van Johnson apresentou-se nos estúdios da Metro-Goldwyn-Mayer pela primeira vez, desde que terminou «Todos são Valentes» (Go For Broke!). Johnson enfrentou as câmeras para se submeter a «tests» concernentes à nova produção de Zimbalist «Too Young to Kiss», em que aparecerá ao lado de June Allyson. A direção coube a Robert Z. Leonard. ★ ANGELS AND THE PIRATES começou a ser rodado nos estúdios da Metro-Goldwyn-Mayer. Essa película de Clarence Brown, que êle próprio dirige, reúne em seu elenco Paul Douglas, Janet Leigh, Keenan Wynn, Donna Corcoran (a nova garôta-prodígio), nos principais papéis. ★ APARECENDO pela primeira vez num filme Metro-Goldwyn-Mayer, por cortezia do estúdio a que pertence, Donald O'Connor contracenará ao lado de Gene Kelly e Debbie Reynolds no musical tecnicolor «Singin: in the Rain». A película será dirigida pelo próprio Kelly, em parceria com Stanley Donen, sendo essa uma produção de Arthur Freed, cujos ensaios começarão muito breve. Gene Kelly terminou recentemente seu trabalho em «Um americano em Paris».




## COTAÇÕES

**1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom ;4 - Muito bom; 5 - Ótimo**

### PRESENÇA DE ANITA

*(Produção Nacional — Maristela)*

Progride sensívelmente o cinema nacional. Não só na parte técnica como na parte que concerne à escolha dos assuntos. "Presença de Anita", baseado no romance homônimo de Mário Donato, resulta, de uma forma geral, numa realização feliz. O livro original, feito numa linguagem cinematográfica, não viria oferecer obstáculos aos seus adaptadores, senão nas cenas mais audaciosas, mais cruas, descritas admirávelmente e com estílo literário pelo autor. Mário Civeli, o cenarista, lutou, por isso mesmo, com dificuldades nêsse sentido. Sua cenarização, se não está ótima, ao menos tornou-se aceitável, expremendo o conteúdo profundo da história, retratando, na medida do possível, o drama psicológico que envolve os personagens da obra. Friamente, de cena em cena, obedecendo fielmente o original, o filme se desenrola num clima de sensualismo, um sensualismo real e humano, que não chega por um momento ao extremo da grosseria e da baixeza. Rugero Jacobi é, em verdade um dos responsáveis por êsse cuidado de não ferir a sensibilidade do espectador menos prevenido. Sua direção é sóbria, discreta, e sua câmara acompanha com vivo entusiasmo todos os acontecimentos. A película tem rítmo, tem continuidade, e tem atmosfera. Nem por isso, deixa, por outro lado, de ter os seus defeitos, imperdoáveis alguns. Se os tipos estão bem marcados, acentuadamente marcados, no livro original, a adaptação tirou, obrigatóriamente, algum dêsses traços que caracterizam a individualidade de cada um, perdendo mais ainda na interpretação. Orlando Villar, por exemplo, embora vivendo com certo desembaraço o protagonista principal (êste é o melhor desempenho de sua carreira), está longe, em alguns instantes, de ser aquêle Eduardo atormentado do livro, cujo drama íntimo não se estampa visívelmente na sua fisionomia quase parada. Talvez o próprio Orlando não possa dar mais do que isso; ou talvez Rugero Jacobi não se esforçasse tanto. Antonieta Morineau, ao contrário, revela-se uma atriz nascida para o cinema. E aí deve permanecer. Sua Anita é convincente, é real, é enigmática como a própria Anita do livro, só compreendida à luz da psicanálise. E' um tipo invulgar, dentro da sua vulgaridade de mulher livre. Porque ama, porque quer amar, porque sabe amar, e dá tudo, inclusive a própria vida, pelo amor. Sua aparente frivolidade, sua alegria exterior, são premidas pela necessidade do amor de Eduardo, que não a compreende como ela gostaria de ser compreendida. Seu sorriso, suas lágrimas, seus gestos, são os da própria Anita do romance. Ela compõe perfeitamente um tipo. E êsse tipo fica, dá à fôrça uma sugestão que deverá perdurar pelo resto do filme após a sua morte, na mente perturbada de Eduardo. E se Eduardo não nos convence muito de que ela está em sua mente, ao menos o espectador ainda a tem viva na retina, justificando assim todo o desenrolar do drama posterior. Vera Nunes, no papel de Diana, está natural, expansiva, à vontade, com alguns exagêros que não são, absolutamente culpa sua, mas da própria direção. Ana Luz, no papel de Lúcia, é uma das boas interpretações do filme. Ela também marca o tipo da espôsa fria e abandonada pela indiferença do marido. Mantém firmemente a sua posição de mulher com receio de um escândalo que possa manchar o nome da família, como também sàbe ser compreensiva e indulgente ao marido infiel. Os demais do elenco, razoáveis, de acôrdo com a importância do papel. Nota-se, nas vozes dos artistas, o processos da doublagem, e embora as vozes tenham sido bem escolhidas, a sincronização, em alguns momentos, deixa a desejar. Mas são pormenores que não diminuem, absolutamente, o valor e o conteúdo do filme. Existem cenas muito bem feitas, como no final, quando Eduardo volta ao sótão, alucinado pela "voz" de Anita. E' uma das melhores seqüências do filme, como realização cinematográfica. As cenas do tribunal foram habilidosas, inclusive quando o veredicto dos jurados é apresentado, aparencendo a figura do réu — transformada numa foto de jornal, com a manchete da sua absolvição. Algumas cenas foram tomadas "in loco", na práia de Santos, apresentando fotografias belíssimas de exterior, com bonitos efeitos plásticos. No geral, tôda a fotografia de Mário Pagés é limpa e nítida, com boa iluminação. A música de Enrico Simonetti merece aplausos especiais. Sua partitura não só pode ser considerada a melhor que se tenha feito no cinema nacional, como ultrapassa, em melodia e como elemento funcional do drama, a muitas do cinema americano. No conjunto, portanto, "Presença de Anita" resulta numa película audaciosa, de responsabilidade, e que vem provar a maturidade indispensável à evolução técnica e artística do cinema nacional. Esperemos, portanto pelas próximas fitas da Maristela, de vez que esta ainda tem, como desculpa, o fato de ser a sua primeira produção. Muitas falhas serão suprimidas, muitos defeitos corrigidos. E avança o cinema nacional, cujo futuro está se positivando de dia para dia. E filmes como "Presença de Anita" nos dão grandes esperanças.

*Cotação artistica: 2, 1/2* ★ *Cotação comercial: 3*

### OUSADIA

*(The Vengeance of the Valley — Metro)*

"Western" que pretensiosamente procura focalizar um conflito psicológico. Apesar de bem iniciado o filme, marcando os personagens, a película cai, não proporcionando o que se espera. Resultado: muita paisagem, muito gado, duas brigas, alguns tiroteios, culminando com a morte do homem máu. Tudo em tecnicolor. No cast: Burt Lancaster, Robert Walker, Joan Drú. Direção vulgar. Boa fotografia e boa música O filme tem muitos fãs para o gênero.

*Cotação artistica: 2* ★ *Cotação comercial: 3.*

### VIDA DE MINHA VIDA

*(Our Very Own — R. K. O.)*

Esta é uma história para a família, papai e mamãe, e para a geração romântica de mocinhas ouvintes de novelas radiofônicas, com todos os ingredientes do gênero. Contudo, David Miller lhe imprimiu tamanha naturalidade, dentro, é claro, das possibilidades e deficiências do original e da própria adaptação, que Hollywood parece nos ter dado um retrato, um postal, bem caprichado como todos os postais, da família americana. Aí encontramos todos os pequenos problemas domésticos, as briguinhas entre irmãos, a garotinha travessa, a mocinha que se apaixona, o futuro gênro a freqüentar a casa da noiva, a mamãe boazinha e compreensiva, o papai alegre e indulgente. E tudo vai bem até o momento em que a mocinha mais velha descobre incidentemente, que é "filha adotiva", resolvendo procurar sua verdadeira mãe. Aí justamente onde o filme deveria começar, onde a câmara deveria focalizar a sua verdadeira tragédia íntima, desvendando um segrêdo que lhe havia sido encoberto, para o seu próprio bem durante 18 anos. Mas os acontecimentos são precipitados. Depois de conhecer sua verdadeira mãe, sua decepção é completa e ela volta aos pais adotivos. No dia de sua formatura, faz um belo discurso, e tudo se reintegra na normalidade, como se nada houvesse acontecido. Há muita coisa boa, bem feita, com lógica e naturalidade, especialmente no que se refere à vida no lar e às cenas de amor, com todos os detalhes. Mas o final, embora para o agrado do público, que sai satisfeito do cinema, prejudica a parte artística da película.

*Cotação artistica: 3* ★ *Cotação comercial: 4*

### GUERRILHEIROS DAS FILIPINAS

*(American Guerrillas in Phillipines — Fox)*

O estrelismo continua sendo a fonte de segurança para a bilheteria de certas peliculas americanas. Técnicamente, a história dos guerrilheiros não tem falhas e o tecnicolor está cada vez mais lindo e mais perfeito. Mas — convenhamos — não se reconhece em nenhuma cena a direção de Fritz Lang. Em nenhum momento êle mostrou a preocupação de apresentar cinema. Limitou-se a obedecer o cenário, péssimo, por sinal, e baseado num original! sem nenhum sabor e com cenas redículas ao extremo. Não há nada de aproveitável na história e os desempenhos são fracos, começando por Tyrone Power, e terminando por Michelline Prele, desperdiçada numa fita tão insignificante. Lamentamos tudo nesse celulóide e damos os pêsames aos artistas, a Fritz Lang e todos os demais. Ao mesmo tempo que congratulamonos com a Fox, pois o cinema se viu quase invadido não só no dia da estréia como nos dias subseqüentes Certamente por causa de Tyrone.

*Cotação artisticas 1, 1/2* ★ *Cotação comercial: 4*

# Rádio

ARMANDO MIGUEIS

## ESTRANHO COMO PAREÇA

*A falta de personalidade justifica maior ausência de valores no rádio brasileiro. E' avultado, aliás, o número dos que preferem imitar um idolo a criar um estilo próprio. Dai, a queda atual de revelações. Alguns anos atrás, a não existência dêsse fenômeno levou diversas emissoras à criação de programas para os novos, através dos quais se apresentaram artistas que, nos dias presentes, possuem público assegurado.*

*O problema, em si, reclama providências a considerar-se o abuso dos "carbonos". Não só em matéria de música popular, como, também, no que se refere às transmissões esportivas, a moda de copiar está progredindo. Encontram-se ao simples girar do dial, imitadores de Silvio Caldas, Orlando Silva, Carmen Miranda, Oduvaldo Cozzi e tantos outros "medalhões" do "broadcasting" verde-e-amarelo. Há, por sinal, numa popular estação, elementos que se comprazem em copiar as menores inflexões do chefe da equipe, num desrespeito flagrante ao próprio público-ouvinte. Isso o fazem, não só para ser agradáveis ao maioral, como, ainda, por não possuirem qualidades suficientes para triunfar na carreira radiofônica.*

*O "carbono" constitui, indiscutivelmente, fator de atraso. Torna-se, portanto, imperioso que as estações prescindam de seu concurso, uma vez que nenhum resultado positivo traz à evolução da radiofonia. Principalmente, quando o sabemos cópia vulgar de um artista consagrado pela maioria. Êste, por sua vez e, em sã consciência, deve ser contrário à imitação, tão certo se encontra de que: imitado, sempre; igualado, nunca!*

## CINCO NOTÍCIAS, SÒMENTE

Carlos Palut, a quem a Guanabara confiou sua direção artistica por alguns meses, está em franca atividade ao microfone PRD-8. Além de outras iniciativas de caráter informativo, caberá ao ex-animador de "Rádio Seqüência" o comando do "Grande Campeonato Carioca de Calouros", através do qual a Emissora Continental pretende descobrir novos elementos para seu "cast". ★ Paulo Gracindo, além da participação direta em diversas apresentações da PRE-8, está escrevendo "Vinte e quatro horas da vida alheia", cartaz que veio substituir "Entra na faixa". Dessa maneira, o galã das grandes novelas da Rádio Nacional passa a competir com os produtores da emissora que o tem como exclusivo. ★ Raul Brunini é outro elemento que, em parceria com Amaral Gurgel, ultima o lançamento de "Com a bôca no mundo". Em se tratando de uma dupla respeitável no "broadcasting" verde-e-amarelo, os sintonizadores da Rádio Globo esperam um big-programa. Aliás, Brunini garantiu-nos que possui outras idéias para pôr em execução na faixa dos 1.180 quilociclos. ★ Linda Batista é, indiscutivelmente, uma estrêla de grande público. A Rádio Nacional, por sua vez, se interessa pelos elementos populares. Daí, oferecer um vantajoso contrato à festejada intérprete de nossos ritmos. Ela aceitou, transferindo-se com todo seu repertório para o microfone PRE-8. A dedução a que chegamos, neste ponto, é de que Vitor Costa pretende levar a efeito o contrato dos grandes cartazes. ★ Haroldo Barbosa continua empregando seu tempo na elaboração de curiosas atrações para o elenco da poderosa PRG-3. Após o êxito de "Cidade Alegre", que rivaliza vantajosamente com os melhores do gênero, o criador de "Viva o Samba" apresenta **"Favelinha". Nada adiantamos sôbre o mesmo. O leitor que ouça, pois ficará freguês. Tá bom?**

## CONFISSÃO




**BENJAMIN WRIGHT**
**agora, fala de esportes**

Quando Gagliano Neto, dando forma à uma idéia, fundou a Emissora Continental, suas atenções voltaram-se para os elementos com que poderia contar. Dentre os ajustados, pela competência no gênero, estava Benjamin Wright. O seu "debut" ao microfone PRD-8 foi na qualidade de locutor. Mais tarde, revelando novas qualidades, tornou-se comentarista. Nessa qualidade, a Rádio Globo foi buscá-lo para seu Departamento Esportivo, onde se encontra até hoje. De Benjamin Wright é a confissão que se segue:

— Por que me tornei comentarista esportivo? Eis uma pergunta que me obriga a voltar a alguns anos atrás, para ressaltar certos detalhes. Desde minha juventude, dediquei-me à prática dos esportes. Pratiquei o remo, o futebol, basquetebol e natação com intensidade. Sempre encarei o esporte como uma fonte de energia desde que racionalmente praticado. Assim sendo, sempre procurei nos livros especializados e nos técnicos, os ensinamentos que agora são tão valiosos para mim. A observação aliada à prática e ainda aos ensinamentos dos mestres internacionais, deram a base que necessitava para tornar-me um comentarista esportivo, tendo sempre em mente trabalhar pela melhoria do padrão técnico do esporte. Para tal, sempre é necessário estar a par do movimento esportivo em centros mais adiantados na técnica e procuro a ilustração precisa, através dos livros e revistas especializados. Como comentarista radiofônico, dou sempre a maior fidelidade às minhas observações, procurando sempre, de preferência, focalizar o lado técnico da competição. Desta forma, penso estar, embora modestamente, trabalhando pelo progresso esportivo de nossa pátria, para que seu nome repercuta sempre de forma lisonjeira nas competições esportivas internacionais. Eis a razão principal pela qual tornei-me um comentarista esportivo. Ao ver-me

*(Cont. na pág. 30)*

# DE QUINTA FEIRA ATÉ QUARTA

| | TITULO — EMISSORA | DIAS — HORARIOS |
|---|---|---|
| NOVELAS | DÚVIDA<br>Rádio Globo | Tôdas as têrças, quintas e sábados, às 20,30 |
| | NAS GARRAS DA PERDIÇÃO<br>Rádio Tupi | Tôdas as têrças, quintas e sábados, às 20,30 |
| | MINHA VIDA, MEU AMOR<br>Rádio Nacional | Tôdas as têrças, quintas e sábados, às 18,45 |
| | O ÚLTIMO RAIO DE SOL<br>Rádio Tamoio | Tôdas as segundas, quartas e sextas, às 20,30 |
| PROGRAMAS | BOITE CILION<br>Rádio Tamoio | Tôdas as quintas-feiras, às 21,15 |
| | 24 HORAS DA VIDA ALHEIA<br>Rádio Nacional | Tôdas as sextas-feiras, às 22,05 |
| | FAVELINHA<br>Rádio Tupi | Aos sábados, a partir das 21,35 |
| | ONDAS MUSICAIS<br>Rádio Globo | Todos os domingos, às 11,00 |
| | CASA DE PENHORES<br>Rádio Mayrink Veiga | As segundas-feiras, às 21,00 |
| | RÁDIO-TEATRO DE BERLIET<br>Rádio Roquete Pinto | Têrças-feiras, a partir das 22,00 |
| | CARY, AS SUAS ORDENS<br>Emissôra Continental | Quartas-feiras, depois das 15,00 |



**LINDA BATISTA**
**nova estrêla da E-8**



**PAULO GRACINDO**
**fêz-se produtor**

# FORA DAS ONDAS

UMA NOVELA — Amaral Gurgel não descansa. Dando murro na velha Remington, êle vai passando do cérebro para o papel, tôda uma série de histórias interessantes. Estas, como acontece em tôdas as emissoras, ganham vida através do desempenho magnifico de astros e estrêlas. Atualmente, o melhor novelista de 1950 está oferecendo aos sintonizadores da Globo, a novela "Dúvida", que vai ao ar tôdas as têrças, quintas e sábados, às vinte horas e trinta minutos.

Agora, os intérpretes e respectivos papéis:

*Narrador* — Sérgio de Oliveira; *Cipriano* — Amaral Gurgel; *Rodrigues* — Teixeira Pinto; *Rita* — Maria Sampaio; *Suzana* — Amélia Ferreira; *Elsa* — Clarita Ramos; *Tonico* — Sérgio Érico; *Joaninha* — Marilena Alves; *Luis Antônio* — Hemilcio Fróis; *Mário* — Ivan Meira; *Papagaio* — Navarro de Andrade; *Angélica* — Nelma Costa.

Gurgel, independente de ser o autor, figura como um dos intérpretes de "Dúvida". Temos, ainda, a assinalar no desempenho dêsse novo trabalho do autor de "Penumbra", a jovem Clarita Ramos, filha do escritor Graciliano Ramos.

UMA OPINIÃO CURIOSA — Humberto Gargiulo, escrevendo a propósito dos corretores de anúncios, mostrou-se um tanto pessimista. Suas são as palavras que se seguem: "O fato é que, pouco a pouco, vão desaparecendo os corretores de rádio. Se fiz acima uma evocação romântica de sua atividade para o progresso do rádio em outros tempos, foi simplesmente para formar contraste com a situação atual, contraste aliás bem evidente.

E o corretor, dentro de pouco anos, será uma lembrança deixada pelo "broadcasting" em nossa terra."

UMA ORQUESTRA DE VETERANOS — Num de seus recentes números, o boletim de "A voz dos Estados Unidos da América" publicou ligeira síntese a propósito de conhecido conjunto orquestral. Trata-se da "Old Timers Orchestra", orquestra de setenta e sete músicos veteranos, todos com mais de 60 anos de idade.

A gravação de "Turandot", em que se ouvem as vozes de Brenda Lewis, festejada soprano de recente êxito da Broadway, em "Regina", e de Ralph Hebert, baritono, foi remetida às estações locais com apropriado comentário na língua dos paises aos quais se destine.



**AMARAL GURGEL**
**autor-intérprete**

Avançados em anos, porém jovens em espírito, os membros da Old Timers Symphony Orchestra são na maioria ex-músicos da Filarmônica de Nova York e da orquestra da Metropolitan Opera House. O seu regente, Dr. Frieder Weissman, é diretor permanente da Scranton Symphony Orchestra, do Estado da Pensilvânia. O Dr. Weissman é conhecido internacionalmente, tendo servido como regente de orquestra no Canadá, na Europa e na América Latina.

A organização dos Old Timers foi fundada por Abraham Goutkin, violoncelista de 66 anos, que costuma dizer: — "O pior que pode acontecer a um bom músico é perder o emprêgo em virtude da sua idade. Mas nós, *veteranos*, podemos mostrar que ainda sabemos tocar."

A orquestra é mantida por meio de contribuições que fazem as companhias gravadoras e supridoras de programas gravados. A organização dá concertos grátis, que são arranjados pela Federação Americana de Músicos, a qual é o centro dos grêmios musicais do pais.

Quando o regente Weissmann sobe ao pedestal para um concêrto, êle tem diante de si um grupo de famosos violinistas, onze dos quais são antigos concertistas. Da mesma reputação profissional gozam outros membros da orquestra. O flautista Isaak Fidelman, de 75 anos, ainda toca com a finura de um virtuoso. O mais velho dos músicos, de 78 anos, é Fred Vandergucht. Fred Schaefer, de 77, foi primeiro violinista da orquestra dirigida por Arturo Toscanini.

Comentando sôbre êsses músicos, disse o Dr. Weissmann: "Êles trabalham juntos como se fôssem uma familia, cheios de fé e entusiasmo."

Os membros da orquestra muito apreciam o trabalho de direção do Dr. Weissmann e muito gratos se mostram a êle pela oportunidade de expressar seus valores artisticos, dando concêrto, pelo rádio, para numerosos públicos.

# DISCOS

**Cotações de 1 a 5**

FRANKIE



**FRANK DE VOL**

## FRANK DE VOL

**A «Música do Século» é o nome pelo qual é conhecida a orquestra de Frank De Vol, que obedece à orientação de um dos mais capazes e populares dirigentes e arranjadores dos meios musicais americanos.**

**Êle é diretor musical de um show irradiado pela C.B.S. cinco vêzes por semana, atua como comediante de um show de televisão, diretor musical das gravações Capitol e êle mesmo artista gravador com sua orquestra de dança e ainda fornecendo o fundo musical para as gravações dos grandes artistas Capitol. Frank De Vol, realmente, come, dorme e sonha com música. Além de arranjador, também é compositor, sendo suas melodias mais conhecidas: «Can't get out of Texas in my dreams», «Friendly Tavern Polka», «Little Bo Peep has lost her jeep», «Mary», «Mama», «Seven years with the grang leader», «Cow Pasture Polka, «To many sweathearts», «Lotta Pizzacotta», «Moon Love», etc. Sua orquestra compõem-se de 15 músicos, 2 vocalistas e um conjunto vocal, assim distribuidos: — Pistões: — Ralph Mussillo, Carlton MacBeath e Jimmy Salco. Trombones: — Ray Conniff, Jerry Rosa e Hal Smith Saxes: — Bill Hamilton, Eddy Rosa, Pete Terry, Ronnie Perry e Chuck Gentry. Piano: — Paul Smith. Guitarra: — Bill Pittman. Contrabaixo: — Morty Corb. Bateria: — Jimmy Pratt. Vocalistas: Helen O'Connell e Gordon Polk e o conjunto Dream Makers.**

## ERNIE FELICE

**Solitude** (Fox) — Cotação: 5

**Love Me Or Leave Me** (Fox) — Cotação: 3

A conhecida e já tão gravada página de Duke Ellington, ganha, sem dúvida alguma, novo colorido e nova entonação na interpretação do quarteto de Ernie Felice. Após uma brilhante e habilidosa introdução, entra a melodia, já acompanhada do ritmo, um ritmo lento e gostoso, que embalsama em deleite qualquer ouvinte. Vale a pena. Se fôr numa noite de luar, com uma garôta para dançar, então nem se fala. Quando enjoarem, o que é difícil, virem a chapa.

Com a mesma segurança da outra face, o fox de Walter Donaldson e Gus Kahn é mais ligeiro. Não tem o mesmo sabor de «Solitude», mas satisfaz.

## ART VAN DAME

**I've Got You Under My Skin** (Fox) — Cotação: 5

**The Breeze and I** (Fox) — Cotação: 5

Novamente na cêra esta melodia de Cole Porter, desta vez na interpretação personalíssima do vitorioso quinteto de Van Dame. Bonitos solos de vibrafone e harmônica, num ritmo sincopado e movimentado. Cem por cento.

No mesmo ritmo da outra face, vamos encontrar a composição de T. Camarata e Al Stillman, adaptação da Suite Andaluza de Lecuona. Van Dame lhe dá o toque de sua personalidade, num bonito arranjo.

## NOVIDADES

DECCA — «I'm forever blowing bubbles», com Gordon Jenkins e sua orquestra, c/ Artie Shaw ★ «You're Mine», com Artie Shaw e Gordon Jenkins e orquestra, c/ côro ★ «O Terceiro Homem», «Speak Low», com Guy Lombarde e s/ orquestra. ★ «School Days», com Louis Jordan e orquestra. ★ «Canção do Amor Pagão», c/ Ted Heath e sua música. ★ «My Silent Love», com Ted Heath. ★ «Mambo Jambo» e «Mondongo», c/ Edmund Ros e sua orquestra. ★ «Night and Day», pelo Quinteto Hot Club de França, c/ Django. ★ «All My Love», com Bing Crosby.

CAPITOL — «Paradise», «Did I Remember», com Andy Russel. ★ «Dancing in the Dark», com Art Tatum. ★ «Beguine the Beguine» e «Smoke Gets in Your Eyes», com Budy Cole. ★ «Playera» e «Rhumba Rapsody», c/ Carlos Molina e sua orquestra. ★ «Caravan» e «By The Light of a Silvery Moon», gravação de Les Paul. ★ «Who» e «Mam'selle», pelos Pied Pipers, com orquestra de Paul Weston.

## CONFISSÃO

(Cont. da pág. 28)

impossibilitado de tomar parte nas competições esportivas, com os encargos que foram acumulando-se com o correr dos anos, creio ser esta a melhor maneira de continuar fiel aos ideais de um desportista. Trabalhando pelo esporte tenho em mente um ideal ainda mais elevado que é o de trabalhar pelo nosso Brasil.

## FLOR DE SANGUE

(Cont. da pág. 24)

fôrça britânica — que deveria estar em Whitewater, — se encontrava mesmo ali em Quebec. Avisados do ataque rebelde os dragões já se encontravam em lugares estratégicos prontos para recebe-los.

*Quem era o traidor?* Nem Mark que conhecia os seus homens perfeitamente bem, desconfiou que movido por um selvagem ciúme dele com Jeaninne, a filha do taberneiro, Baptiste tivesse delatado todo o plano.

Mark jazia agora, ferido na luta, em uma cama na igreja de São Francisco. Perto dele sentava-se Stephanie, pálida e apreensiva.

— Estão virando a cidade às avessas. Não sei porque estão certos de que você ainda se encontra em Quebec. Mas... sabem. Mark, você pode andar?

— Mesmo que eu estivesse morto poderia andar se você quisesse. Mas como podemos sair?

— Você deve confiar em mim para isso. Uma vez mais serei Lafleur. — Ela se levantou para sair. Hesitou por um instante e disse: — Você se lembrará de uma coisa para mim? Você não tem nenhuma culpa por esta derrota. Ninguém pode abrir uma rosa arrancando-lhe as péstalas. Muito menos uma rosa de ferro. O Canadá era a rosa de ferro.

— Mark abriu os olhos espantado.

— Onde você ouviu isso? A rosa de ferro? Sòmente ouvi isso uma vez em minha vida. Meu pai disse que foi minha mãe quem lhe disse.

Stephanie evitou o seu olhar penetrante.

— E' uma... uma expressão muito comum... Você terá notícias minhas brevemente. O Padre Antoine lhe dirá se eu não puder vir.

Aquela noite Stephanie se avistou pela primeira vez em dezoito anos com o homem com quem contraira matrimonio, com o marido. Ela, assim como Charles, implorou por uma anistia. Assim como agira com Charles, pareceu aceder ao pedido.

— O seu filho sairá da cidade à meia-noite, pelo portão de São Louis. Dar-lhe-ão ordem para parar e êle será desafiado, mas deverá atravessar, a despeito de tudo.

Stephanie Durossac morreu aquela noite quando, vestida com indumentárias masculinas, se recusou a parar quando a sentinela lhe deu ordem de alto. O soldado, no entanto, não compreendeu o significado do sorriso que pairou sôbre os seus lábios mesmo depois de morta. Mas isso não lhes importava. Apenas cumpriram com as ordens superiores, para atirar para matar em um homem que tentaria passar por aquêle portão à meia noite. Êle comunicaria o caso imediatamente a Durossac.

Foram demorados os dias em que Mark teve de permanecer na cama para restabelecer-se, pois eram duas as suas feridas. Uma física e outra espiritual.

Mas quando finalmente se ergueu do leito não demonstrou as suas preocupações ao erguer-se orgulhosamente junto ao Padre Antoine em frente a um dos pequenos altares. O Padre tinha três pequenas velas em sua mão e murmurou suavemente:

— Para seu pai, para Stephaine e para a sua mãe.

— A sua própria voz lhe pareceu tremula quando disse:

— Eu penso... que apenas duas velas são necessárias. A vela para a minha mãe e para Stepanhie é a mesma.

O Padre Antoine aquiesceu com a cabeça, ao apreciar as chamas das duas velinhas se elevarem no santuário.

O homem ao seu lado virou-se vagarosamente e caminhou para a porta da capela. Ali uma pessoa que estivera silenciosamente ajoelhada em um dos bancos, rezando, se juntou a êle. Mark e Madelon deixaram a Igreja de São Francisco juntos.

O direito de matar
(JUSTICE EST FAITE)
Haverá o direito ao crime?
Michel AUCLAIR
Claude NOLLIER
DIREÇÃO DE ANDRÉ CAYATTE
1º GRANDE PRÊMIO INTERNAC. DO FESTIVAL DE VENEZA 1950!
VEJA O FILME DESDE O INICIO
F F
SIMBOLO DE QUALIDADE
COMPL. NACIONAIS
IMPROPRIO 18 ANOS
HOJE
2-4-6-8-10 HS
PATHÉ FONE 22-8795
PRESIDENTE FONE 42-7128
PARATODOS
LEME

# Melodias para você

*MÚSICA BRASILEIRA*

O MAMBO NO SAMBA

*Samba-Estilizado*

De Black Out — Gravado pelo mesmo autor

E' no samba mambo que eu vou me espalhar
E' a nova dança que acabou de chegar
Quem quizer dançar é só prestar atenção
P'ra não cair no salão (bréque) Hei...

Dançando o samba mambo
Todò mundo já vai
Vovô com vovó
Mamãe com papai
Menina vem p'ra roda
Que eu te ensino a sambar
Basta saber requebrar (breque) Hei...

Vamos sambar
Vamos sambar
Vamos sambar
Samba mambo.

★

ADEUS PERNAMBUCO

*Baião*

Victor Simone e David Raw — Gravado por George Fernandes

Adeus meu Pernambuco
Adeus... Adeus...

I

Esse adeus meu Pernambuco
Faz meu coração penar
Quando um filho teu vai embora
Não pode partir sem chorar...
Ai ai ai ai
Ai ai ai ai
Quando um filho teu vai embora
Não pode partir sem chorar.

Adeus meu etc.

II

Vou me embora minha Olinda
Meu Recife... Gravatá...
Mas, se Deus quizer algum dia
Eu volto de novo p'rá cá...
Ai, ai ai ai
Ai, ai ai ai
Mas, se Deus quizer algum dia
Eu volto de novo p'ra cá...

★

*MÚSICA ITALIANA*

ADIOS, MARIQUITA LINDA

*Slow di Jmenez-Larici*

Adios, Mariquita Linda!
Non lo so
se la strada del destino ancora a te mi porterà!
Adios, Mariquita Linda...
sò, perrò,
che il ricordo del tuo amor eternamente in te vivrà!
Adios, vita di mia vita!
A te, Linda Mariquita...
lascio tutto il cuore mio
pur se devo dirti addio
perchè tu non m'ami più!

★

*MÚSICA MEXICANA*

"OYE"

*Bolero*

De Pepé Delgado — Grav. de Gregório Barrios

I

Oye, han pasado tantos anos
Pero sé que tú me quieres
Y por eso vengo a hablarte
De nuestro amor.
Oye, quiero verme en tus pupilas.
Y arrancar de tus miradas
La ternura que mitigue
todo mi dolor.

II

Sufro la amargura de quererte
De no verte se me parte el corazón
Oye, han pasado tantos anos
Pero se que tú me quieres
Y por eso vengo hablarte
De nuestro amor.

★

*MÚSICA AMERICANA*

*I'LL ALWAYS LOVE YOU*
(Querida mia)

De Jay Luvingstone e Ray Evans — (Do filme da Paramount "Minha Amiga Maluca")

The night is alive with tinkling guitars
Wind softly sighs a serenad to the stars.

Querida mia, Querida mia
Listen tothe story of muy love!
Day after day I'll always love you
Live just to say I'll always love you
Dear one, your nearness is muy treasure
Dear one, your kiss is rich as wine
And its mine, yes its mine the wonder of you.

Yours, love is yours because I love you
To you I zive nuy heart madly,
Madly beating with every beating repeating
I'll always love you so! so!

## O CARTAZ DO MONENTO



**Francisco Carlos**

### OLHOS DE GATO

*Samba-canção de Carlos Brandão e Edmundo de Souza. — Gravação de Francisco Carlos*

Teus olhos verdes de gato
Oh! Morena brasileira
De amôres são desacato
Linda morena faceira
Oh! garôta tu não sabes
O quanto tens de valor
Se no meu peito não cabes
E' porque tenho outro amor.

II

Jambo cheiroso e gostoso
De requebros infernais
Tens um jeitinho amoroso
Que nos prende
Por de mais.

## A PEDIDOS

### NA PAZ DO SENHOR

*Canção. — Gravação de Lúcio Alves*

Montado no seu burrinho
Que tinha o nome de Beija-Flor
Pai Roque, prêto velhinho
Ia a caminho do Viradô
Na paz do Senhô.

Levava numa cestinha
As macachêra
E os quingombô
Cartinha cheirando a malva
Da Sinhàzinha
Pro seu doutô
Na paz do Senhô.

Passava pela vendinha
Largava o burro no bebedô
Tomava três de caninha
Nem que fizesse frio ou calô
Na paz do Senhô.

Mas uma vez o burrinho
Passou na venda e não parou
E por um outro caminho
Devagarinho
Enveredou
Na paz do Senhô.

E foi subindo o morrinho
Chegou lá em cima
Se espreguiçou
Aí, virou passarinho
Bateu as asas
E avoou
Na paz do Senhô.

Entrou no céu de mansinho
Olhou pra trás
E assuspirou
Pai Roque tava durinho
Que nem um santo
No seu andô
Na paz do Senhô.

Agora, quando os anjinhos
Vem carregando
Nosso Senhor
Pai Roque tira a croinha
E vai dizendo
Bença Ioiô
Na paz do Senhô.

# ARQUIVO DE BROOKLYN JACK



## RED SKELTON

O verdadeiro nome de Red Skelton é... Richard Skelton. O "engraçadissimo" nasceu em Vincennes, Indiana, Estados Unidos da América do Norte, a 18 de julho de um ano qualquer. Seu pai foi palhaço do famoso Hagenback & Wallace Circus, o que explica o talento de Red como homem engraçado. Quando êle tinha 10 anos de idade apareceu em um espetáculo burlesco, muito bem-humorado, dizem, e desde então tem sido ator no gênero. Mas fêz outros gêneros — sempre bem-humorado, é verdade — cantando ou dançando, e mesmo em elencos de circo. Dedicou-se depois ao rádio, onde o foi buscar a Metro-Goldwyn-Mayer, que o prendeu logo por longo contrato. Mas primeiro Red fêz uma "ponta" em "O Mundo se Diverte", da RKO. Entre os seus filmes mais famosos figuram "Lourinha do Panamá", "Muralhas de Jericó", "Amor à segunda vista", "Du Barry era um pedaço", "Escola de Sereias", "O Fanfarrão", "Encontre-me em Hollywood", "A Filha de Netuno", "Meu coração tem dono', "Pisando em brasas", "Sherlock do Ar", "Sherlock Assustado", "Motorista terremoto" e "Excuse my dust". Uma "ponta" admirável foi aquela de "Ziegfeld Follies", também. Agora está filmando "Texas Carnival" com sua predileta e queridíssima amiga Esther Williams.



## MARIE WILSON

MARIE (Ma-rie, como dizem os aristocratas, ao invés do popular Mary) Wilson chama-se, na realidade, Katherine Elizabeth White e nasceu em Anaheim, Califórnia, EE. UU. Não sentia nenhuma atração pela carreira artística, mas principiou a chamar a atenção. Bancou a exibicionista e ficou sendo conhecida como a "blonde dumb" (loura tôla). Isso é o que ela queria. Recebeu propostas para fazer o papel de bôba em vários filmes, entre os quais podemos citar: "O Grande Garrick", "Estrêlas na Broadway", "Virginia Romântica", "Broadway", "Melodia do Amor", "Escrava de uma lembrança", "Comprando Barulho", etc. Eclipsou-se durante algum tempo, parece que ficou fazendo um papel ali, e outro aqui, e mais uma coisa e outra, no Leste, no Oeste, no Norte, no Sul, até que recebeu oferta de uma estação de rádio para o papel de Irma que popularizou-se no pais inteiro (Nota: o pais é U.S.A.). A Paramount adquiriu os direitos de filmagem e ei-la fazendo a sua personagem em "A Amiga da Onça". Logo em seguida fêz a continuação em "Minha Amiga Maluca", onde nos demonstra suas qualidades de esplêndida comediante. Naturalmente, agora virá em uma nova série de maluquices em outras peliculas do gênero. Ora, salve a Marie Wilson. Ah, sim: sabiam que foi contratada por Hal Wallis? Pois é, quer dizer, pois foi...



## LOUIS JOUVET

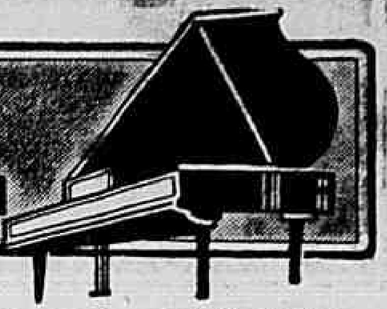
SABIAM que Louis Jouvet, antes de ser ator de cinema, fôra farmacêutico? Pois é. Ou melhor, pois foi... Jouvet é um veterano: estreou no teatro em 1910. Desde 1924 é diretor da Comédia Francesa. Também ensinou e ensina, ainda, no Conservatório. E seu "debut", no cinema, é de 1932. Nestes vinte anos de atividades diante da câmara apareceu numa infinidade de peliculas, sendo as mais notáveis: "Quermesse Heróica", "Bas-Fonds", "Familia exótica", "Carnet de Baile", "A Marselhesa", "O Drama de Xangai", "Hotel do Norte" "Volpone", "Pecadoras de Tunis", "França Eterna", "Estranha Coincidência", "Crime em Paris", Entre as 11 e Meia-Noite"; agora, Louis Jouvet vem ai em "Loucura de uma época" (Lady Paname), magistral retrato cinematográfico da época alegre da década de 20, Era do Jazz e do cinema mudo, da cançoneta francesa ganhando o mundo, de Paris boêmia e feliz. E' uma grande comédia musical! Jouvet tem como companheira a deliciosa Suzy Delair que, segundo meu amigo Sylvio Cardoso, Clouzot "perdeu" de bôbo... Suzy Delair é robusta e mais isso, e mais aquilo .. Mas, voltando a Jouvet: é curioso que no palco êle prefira sempre os papéis dramáticos, e na tela os papéis cômicos. Né?



# MARIE DEA

DE Marie Dea diz-se que é muito bonita, na vida real. Muito mais do que na tela. Mas também já foi dito que tem um gênio "impossivel". Tanto que existe um "caso" com um jornalista francês que não mede palavras nem assim, nem assado, e disse que Mariezinha tinha mais costas largas... que talento. Foi o diabo! O produtor, amigo intimo de Marie Dea, quis duelar com o jornalista. O critico topou. O troço ficou feio. E mais uma coisa e outra, etc.... no entanto, o jornalista mentia. Ou, no minimo, exagerava. Porque talento Marie Dea tem, também. Lembram-se de "Visitantes da Noite", de Carné? Ela fazia aquela castelã cheia de simplicidade e pureza. Agora, Marie Dea, especialmente convidada por Cocteau, aparece em "Orfeu", a obra-prima do cineasta-poeta, que deverá ser lançada no Brasil por todo o decorrer de 1951. E como aparece sedutora e sincera em seu papel... "No duro": Marie Dea vale um duelo!...

# MUSICA



OSWALDO DA CUNHA

## MARIO NEVES

*EM mais um programa da série "Música para a Juventude", transmitido domingo, 27 de maio próximo passado, pela Rádio Ministério da Educação, tivemos a oportunidade de ouvir o pianista patrício Mário Neves, cujo recital teve lugar no Salão Leopoldo Migueis, da Escola Nacional de Música. Mário Neves, nome já bastante conhecido no nosso ambiente musical, muito concorreu para o pleno êxito desta transmissão. Dono de técnica bastante desenvolvida, Mário Neves explora com requintado bom-gôsto os fraseados sonoros. A "Chaconne de Bach", foi conduzida com a devida seriedade exigida por uma obra de tal envergadura. As "32 Variações Beethoven", obra de grande complexidade, mereceu, todavia, um cuidada atenção do pianista, que soube compreender perfeitamente o estilo beethoveniano, dando-lhe uma interpretação rica em sonoridade e precisão ritmica. Em prosseguimento ao programa, Mário Neves apresentou um "Noturno" e a "Valsa ..." de Chopin. Seguiram-se o "Clair de Lune" e "Les feux d'artifice" de Debussy, o "Sonêto de Petrarca" e a "Valse Oubliée", de Liszt. Esta última obra, mereceu do executante uma atenção tôda especial, que mais uma vez recorrendo às suas inigualáveis possibilidades técnicas, emprestou à mesma um andamento ligeirissimo, sem todavia precipitá-la, resultando numa execução graciosa e elegante. Que bom seria se outras emissoras, seguindo o exemplo da Rádio Ministério da Educação, proporcionassem aos artistas patricios, aos novos e aos já consagrados, oportunidade como esta, para com a sua arte concorrerem um pouco para o levantamento do nivel do nosso tão lamentável ambiente radiofônico.*

## NOTICIÁRIO

★ MAIOR POPULARIDADE DO BALLET NA INGLATERRA — A Temporada de Inverno no Covent Garden recentemente terminada foi a de maior sucesso, desde que o teatro de ópera foi reaberto há 5 anos passados e os frequentadores subiram de 68 por cento do total da capacidade em 1947 a 83 por cento em 1950. Nas noites de «ballet» a percentagem é de 98 por cento. Existes agora 27 óperas no repertório e durante a recente temporada mais de 100 representações foram apresentadas em 17 semanas consecutivas. Desde que o teatro foi reaberto em 1946 estêve fechado apenas pelo prazo máximo de um mês por ano. De acôrdo com David Webster, Administrador Geral da Fundação Covent Garden, «ela está desempenhando uma parte na vida de Londres que parecia impossivel há 5 anos passados». (B.N.S.) ★ MÚSICA EM ISRAEL — A nova série de concertos de Beit Harofen, em Haifa, foi iniciada pelo New Jerusalém String Quartet, com o programa seguinte: Haydn — Quarteto para cordas, em dó maior, op. 33 nº 3; Max Reger — Quinteto, em lá maior op. 46, para clarinete e cordas; Verdi - Quarteto para cordas, em mi menor. Um outro concêrto dessa série foi quase que inteiramente dedicado à música francesa. O concêrto iniciou-se com a Sonata em ré menor para flauta, oboé e piano, de Loeillet. ...m, ainda, executadas, pelo conjunto de câmera, as obras: Sonata em trio, de Florent Schmitt; Ária para flauta, clarineta e piano, de Jacques Ibert e Caprici sur des Airs Russes et Danois para flauta, oboé, clarineta e piano, de Saint-Saens. E nessa ocasião, pela primeira vez em Haifa, uma cantora tomou parte num concêrto de música de câmera: Mrs. Sander cantou árias e canções de Bach, Spohr, Schubert e de um compositor de Israel, Petrushka; o acompanhamento foi realizado por instrumento de sôpro (flauta, oboé, clarineta e piano). ★ CURSO DE LÍNGUA ITALIANA PARA CANTORES — O Centro Cultural Brasil-Itália está organizando um Curso de Língua Italiana, dição e declamação (dedicado particularmente aos cantores) completado por um panorama Histórico-Cultural da Arte do Canto. O dito curso, cuja duração será de seis meses, foi confiado ao prof. Maurizio Quadrio, diretor da «Gazzeta Musicale» de Roma e vice-presidente do Centro Internacional de Arte da UNESCO. Para esclarecimento, procurar o secretário do Centro a Praça da República, 17, sobrado, Telefone 32-2488, todos os dias úteis, das 9 às 12 e das 14 às 15 horas. ★ FESTIVAL DE 1951 DA HOLANDA — De 15 de junho a 15 de julho será levado a efeito, nos Países Baixos, um grande festival de música, óperas, dramas, cantos e música de câmera na cidade de Scheveningen. As orquestras serão regidas pelos seguintes maestros: Rafael Kubelk, George Szell, Leopold Stokowsky, Otto Klemperer, Antal Dorati, Charles Munch e Willem van Otterloo. As óperas apresentadas serão: «Un Ballo in maschera», «Orfeu», «Fidélio», «Le pauvre Matelot», etc. Grande número de apresentações e música de câmera, de ópera inglêsa e de canto coral também será apresentado.



**Apresentando-se ao púb'ico londrino em maio próximo passado, Claudio Arrau, vem de alcançar extraordinário sucesso em seu recital por ocasião da inauguração do «Festival da Grã Bretanha», nas vésperas de sua partida para Israel. Dentro de pouco tempo Arrau estará de volta a Londres, aonde deve apresentar-se numa série de audições no Festival, com orquestra sob a direção de Sir Adrian Boult. Em julho, Arrau deverá seguir para os Estados Unidos, a fim de apresentar-se no Festival de Berkshire e no Lewisohn Stadium.**

# Pausa para meditação



YVONNE PALUMBO — (Foto NODGI)

# A OPINIÃO ALHEIA

**TÉCNICA-ARTE E ARTE**

Diz-se, por aí, que o cinema ianque é só técnica. E também que apenas os franceses sabem fazer realismo.

Dois preconceitos, entravando a compreensão de cinema como técnica que se estetizou, isto é, como arte que se individualizou (recordemos as expressões «sétima arte» e «décima musa»).

Edmond Gréville declarou, uma vez: «prefiro um mau tema, tratado com estilo, do que o inverso».

Eis, finalmente, quem não se deixa levar por falsas premissas, quem compreende êsse mundo de luz e sombra que se esconde no celulóide e se revela na projeção (só a projeção existe — entende Clair).

Técnica, por definição, é meio para se fazer algo. Em arte, é o estilo dessa arte. Assim, em cinema é meio e fim exemplo: o «close-up»).

Por outra parte, é evidente que sòzinha não faz cinema. Se o artista não a põe em movimento, com inspiração, nada obtém.

Cinema é arte plástico-narrativa. De que vale, pois, um bom tema a narrar, se não sabemos como narrá-lo?

Realmente, é difícil, se não impossível separar forma de fundo (forma e matéria aristotélicas), ou seja: admitir que exista um filme tècnicamente bom, e sem nada para mostrar. Noutras palavras: artisticamente fraco, e tècnicamente bem conduzido.

Devemos considerar que em arte, mais do que o que se narra importa o como se narra.

Isto é que a maioria do cinema francês (e do italiano) ainda não percebeu. E o realismo que se lhe atribui não passa, quando muito, de realidade grosseira, (sexualismo, e enquadramentos que excitam as tendências mórbidas da platéia).

Há, inegàvelmente, bons diretores na França (que o serão em qualquer lugar exemplo: Clair, Renoir e Duvivier na América), como os há nos Estados Unidos. A diferença é que, neste último país, até os cineastas secundários fazem cinema pelo cinema, porque manipulam uma técnica que se tornou arte...

**Hugo Barcelos** («Diário de Notícias»

**CINEMA SUECO**

O cinema sueco, depois de um silêncio mais ou menos longo, tem reaparecido ùltimamente com certa insistência e indiscutível autoridade nos Festivais europeus: em Veneza, causou reação favorável a apresentação de «Bara en Mor», de Alj Sjoberg (o realizador do excelente «Hets»: «Tortura de um Desejo»), em Cannes, «Froken Julie», extraido de uma peça de Strindberg, conquistou um dos prêmios mais significativos. A nova geração de realizadores suecos tem em Sjoeberg e Ingmar Bergman («Fangelse», sobretudo) os seus vultos proeminentes, e em Hasse Ekman, Ake Ohberg, Gosta Folke e Hampe Faustman elementos consideràvelmente prometedores.

**Moniz Vianna** («Correio da Manhã»)


AT. SEMOG
INSINUANTE
ESTÁ FESTEJANDO
SÃO JOÃO
COM UMA TREMENDA
LIQUIDAÇÃO
ESTA SIM! É QUE É A MAIOR!
45.000
PARES QUE VÃO
SER QUEIMADOS
POR QUALQUER
PREÇO
insinuante
É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA
DA AMERICA LATINA E É TAMBEM
UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO.
CARIOCA 46·48 – SETE DE SETEMBRO 199·201

# O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

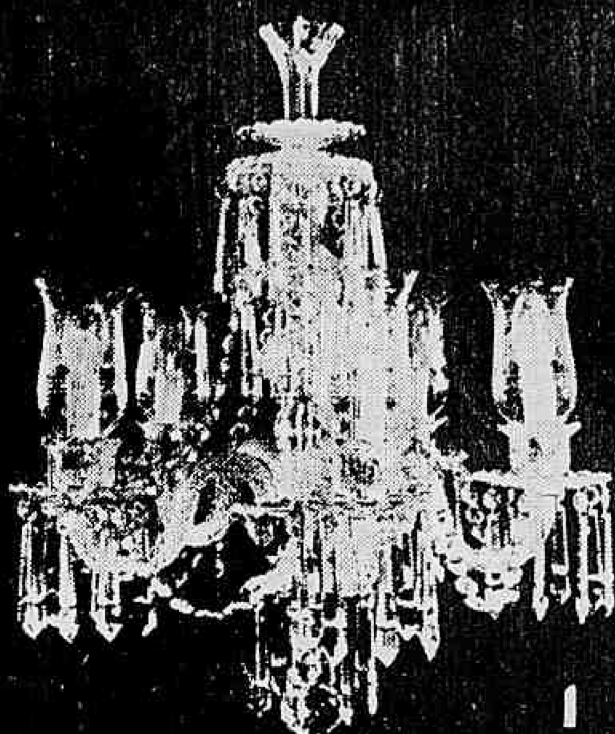
## ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

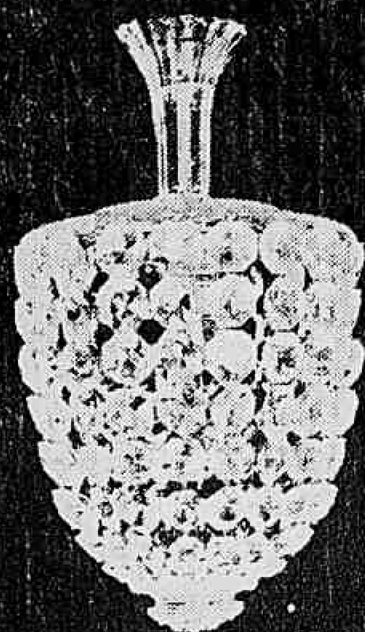
**NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:**

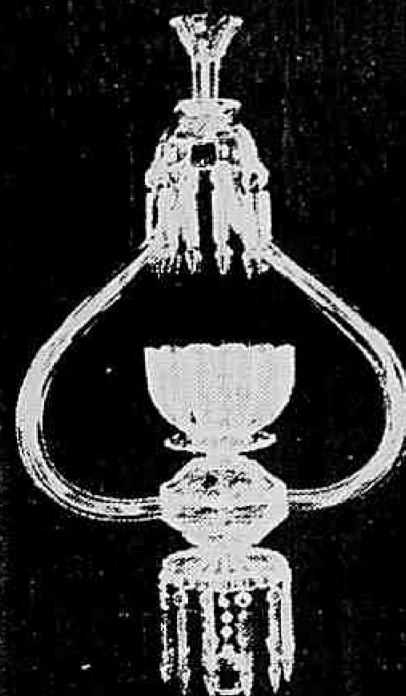
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

# GALERIA SÃO PEDRO

**AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428**



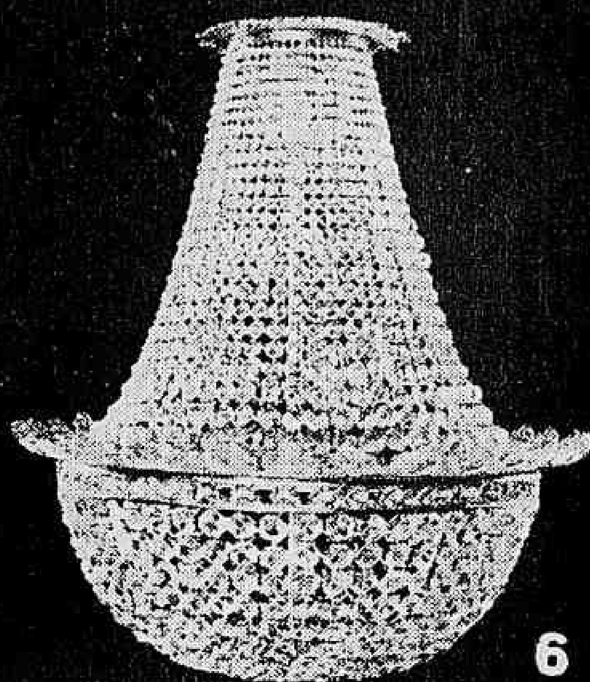



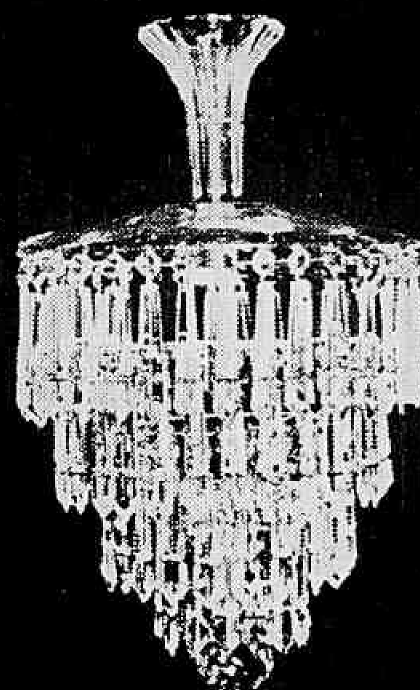







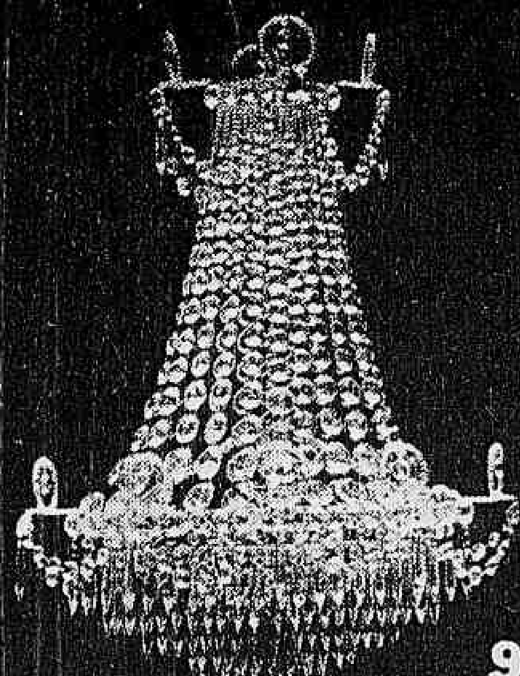


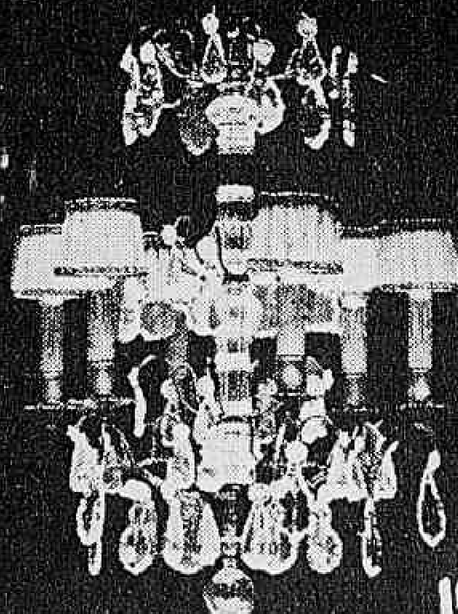



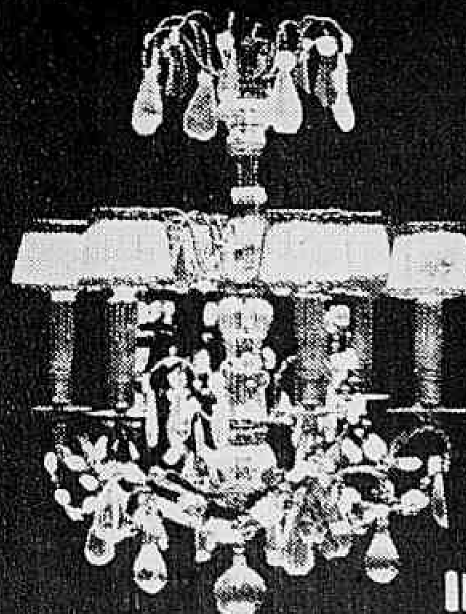



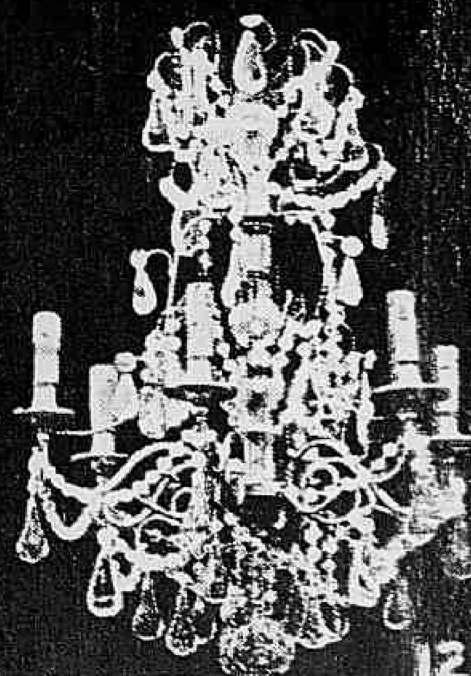







ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTA MENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFICIOS, HOTÉIS, ETC.

**Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDR O onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.**

**FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEM BOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.**

*Conserve a sua pêle limpa e macia...*



**SARDAS,**
**ESPINHAS**
**E**
**MANCHAS**




# Pomada
# SÃO SEBASTIÃO